**FÚRIA**

R. GROFF

v1.2

[1]

PAUL

JULIA STEVENS SENTOU-SE na cadeira em frente ao atarefado psicólogo do colégio. Evitava de olhar aquele homem engravatado a todo custo. Coçou sua aliança com o dedo, cruzou seus braços e pernas fechando-se por completo. O efeito de três noites mal dormidas veio rápido e sorrateiro, brincando de pular sobre suas pálpebras para fechá-las. Dentro de si uma ansiedade corria por fora de seu cansaço conforme os minutos se acumulavam. A sombra de dúvida onde algo terrível lhe esperava adquiria contornos de certezas. Em um reflexo imediato de seu corpo, sugou o ar como se a atmosfera fosse rarefeita. O silêncio e a espera lhe eram uma tortura. Na multidão de pensamentos em cima de sua cabeça (enquanto o homem terminava sua longa conversa ao telefone), os mais vergonhosos eram catapultados do fundo onde estavam para destaque do palco em performance frenética. Seu cotidiano alucinado os empurrava sempre um pouco mais para dentro, postergando os conflitos, evitando a dor. No silêncio eles ganhavam voz e forma: se via velha, sozinha e bêbada. Tudo ao mesmo tempo. De olhos abertos observava seu provável futuro vindo, tal qual tinha sido com sua irmã. Enterrara a infeliz ano passado, encontrada caída na estrada. Reconheceu o corpo na polícia, de dentro da gaveta com papel no dedo e tudo. Talvez toda esta comoção mental acontecia por causa da seriedade do encontro, pois era a primeira vez que fora chamada na escola. Talvez por que ela nunca parava um instante sequer para pensar nas coisas: as coisas sempre a levavam, e por ela aquilo estava tudo bem.

Minutos se passaram vagarosamente. Sua consciência obstinada lutava enquanto no mundo real ela apertava suas mãos sentindo suas unhas fortes nas palmas tentando conter seus demônios internos. Lembrou-se do tempo que pedira um pouco de paz com suas mãos levadas ao rosto em seus prantos silenciados pelo barulho do chuveiro. Naquela época estava grávida mais uma vez; decidira que o nome da criança seria algo puro e nobre como...

“Paul têm chamado nossa atenção, Sra. Stevens.”

Julia coçou mais uma vez a aliança. Não queria ver aquele homem e absolutamente não queria conversar sozinha com ele. Toda aquela confusão latejante em sua cabeça não existia meia hora atrás. Nunca mais viria nessa porcaria de escola.

“Eu tenho coisas a fazer. Se puder ir direto ao ponto eu agradeceria.”

O silêncio e olhar desafiador do psicólogo soou todos os alarmes na cabeça de Julia, e ela percebeu em tempo a gravidade da situação, de onde estava, de quanto custava o colégio e com quem estava falando. Baixou seus olhos ao chão e engoliu em seco. Pedir desculpas não era de sua natureza, e ela apertou um pouco mais as unhas dentro da palma de suas mãos.

“Acalme-se. A professora Isabel me pediu para conversar com ele. Nós conversamos, ele fez alguns desenhos. Desenhos incríveis. Ele tem um jeito muito diferenciado, quase fala como um adulto se não levarmos em conta sua voz de criança. Ele fala sobre sua irmã, as pessoas do bairro e do colégio, parecendo saber tudo que acontece ao seu redor com uma riqueza de detalhes... ”

A partir deste momento a atenção de Julia perdeu seu rumo e ela não entendeu mais nada. Lembrou-se de como fora difícil limpar o banheiro de sua última cliente e de como aquilo lhe doía os joelhos. Aqueles malditos azulejos brancos (que deviam ser tirados do mercado) estavam a lhe esperar prontamente semana que vem. O homem continuava falando, mas ela aguardava uma pequena pausa pacientemente ignorando tudo.

O psicólogo percebeu a expressão de ausência da mulher e calou-se, porém mudou radicalmente sua expressão. A respiração de Julia acelerou ao perceber a mudança.

“Mas?” perguntou a moça mordendo os lábios.

“Mas... ele não fala de seus pais. De você, ele fala muito... muito pouco.”

Julia colocou a mão em sua boca.

“É claro que se eu observasse qualquer suspeita de abuso ou sinais de molestamento você estaria conversando com um assistente social. Que isso fique bem claro.”

“Sim senhor.” veio a resposta imediata.

“Dito isso, reitero que seu filho deveria ser encaminhado para uma escola preparada para crianças, digamos, mais despertas para o conhecimento, arte e inteligência.”

Julia abaixou sua cabeça e logo virou seu rosto para a janela, com sua face corada de vergonha.

O homem continuou a falar.

“Chamei você aqui para dar este recado e receitar um remédio para a ansiedade e depressão que o menino está passando.”

“Depressão?”exclamou Julia quase como se recebesse uma bofetada.

“Algumas crianças vêem TV o dia inteiro, entregam-se à comida, não tomam banho ou fazem constantes afrontas quando certas condições de ansiedade se formam. Seu filho é o oposto. Paul se mantém ocupado como um adulto viciado em trabalho, pelo nível do material beira a obsessão. Já fiz algumas aulas de arte, e posso dizer com segurança que não se chega a um realismo destes sem muito esforço e estudo técnico, mas isso não vem ao caso; o que me preocupa aqui é que Paul não brinca do mesmo jeito que crianças de sua idade e me parece estar sofrendo pelo grau de dedicação a estes trabalhos.”

Julia estava muito nervosa. Não conseguia entender o que o outro estava dizendo. Para ela garotos deviam jogar bola, se machucar nos joelhos e cotovelos, fumar escondidos e conhecer o cheiro, gosto e prazer de cerveja como todo mundo. Aquilo de artista não poderia ser bom para Paul. Ser diferente nunca é legal quando se é criança; ele que fizesse isso depois que saísse de casa, depois de ter um emprego de verdade.

O psicólogo prescreveu o remédio e a mulher o guardou rapidamente, como se aquilo fosse uma vergonha a esconder.

“Quando ele aprendeu a escrever?”

“Cedo. Sara o ensinou quando ficava com ele.”

“E os desenhos começaram quando?”

“Não sei. Crianças estão sempre rabiscando suas porcarias.”

Houve uma pausa. O psicólogo guardou a ficha de Paul dentro de sua gaveta e olhou bem nos olhos de Julia.

“Você já ouviu no termo criança *Indigo*?”

Pavor inundou visivelmente o rosto da mulher.

“Oh, por favor. É este o termo usado pelos *New Age*. Ouvi muito isso na faculdade. Paul fala com a clareza de pensamento como de um jovem de trinta. As histórias dele sobre as pessoas revelam um conhecimento profundo de vida.”

Após um momento de estupefação, ela perguntou ao psicólogo honestamente, com culpa, sofrimento e dor em seu peito.

“Têm remédio para isso?”

O psicólogo não conteve uma risada curta deixando Julia a poucos milímetros da resposta física evidente em sua mente. Sua mão tremeu e as unhas machucaram sua palma. Depois de alguns momentos desconfortáveis de um silêncio terrível, ele ajeitou seus óculos e falou muito mais sério e contido.

“Alguns acham que tal termo *Indigo* se refira talvez à última encarnação, e que ele tenha conhecimento de todas as coisas que passou por todas as suas outras vidas. O que acha?”

Julia se levantou e foi indo de forma desajeitada para a porta. Antes de sair em uma pequena corridinha, falou com toda a mágoa de uma mãe não compreendida.

“Ele tem sete anos! Deixem-nos em paz!”

Na farmácia, uma atendente negra parecendo ter quase o dobro do peso para uma mulher de sua altura falou devagar, passando seu dedo gordo com unha amarela e roída por cima da receita onde dizia a dosagem.

“Estas pílulas devem ser tomadas de manhã e de noite. O frasco contém sessenta, então peça uma nova receita no mês que vem.”

Julia sentiu o ar lhe faltar.

“Mas eu preciso de outra receita mês que vem?”

“Como acha que a coisa funciona? Isto aqui não é aspirina toma e passa mocinha.”

Julia leu o frasco e de repente suas faces viraram brasas.

“Ninguém me disse... que seria tão caro.”

Houve uma pausa e um sorriso irônico da atendente. O lábio de Julia tremeu. Suas orelhas esquentaram rapidamente e ela pegou a receita de volta abruptamente.

“Eu não preciso comprar... de você.”

“Que bom queridinha. Próximo!”

Julia deu dois passos para trás e logo sua frustração a fez correr dali com os olhos molhados. Caminhou pesadamente até a placa de ônibus e um sentimento de vazio arrebatou-a com uma pontada de uma forte dor de cabeça.

Vinte minutos se passaram.

O calor a fazia suar por seu rosto e garganta. Sua felicidade era uma amiga esquecida de colégio; seu marido uma bomba relógio para o divórcio. Sentiu-se só, perdida e vítima de todas as coisas ruins que lhe aconteceram. Algo lhe dizia para comprar o remédio, que era a saúde de Paul, mas ela sabia o que fazer com aquela vozinha irritante que desconhecia a situação deles, e de todas as prestações da casa que eram também importantes.

Julia imediatamente saiu da fila e entrou no bar logo em frente sem um único olhar para trás. Sua consciência silenciou e juntou-se a algo negro que lá estava há muito tempo, crescendo pouco a pouco no escuro das coisas que ela gostaria de esquecer.

\*\*

Duas pequenas batidas na porta.

Sara Stevens, já vestida com seu pijama de gatinhos está olhando para o teto estrelado de adesivos do verão passado. A pequena luz de seu abajur de tartarugas em cima do criado mudo lhe faz uma sombra em sua parede, onde a última metamorfose de pôsteres acusava uma leve direção para meninos e bandas de rock. Mas a mente da menina que faria doze anos em três meses não estava tão apegada assim com a fama dos astros e celebridades – ela pensava em Luke da aula de educação física, e de como ela gostava de estar perto dele. Nos jogos de vôlei já notara que ele *quase* sempre passava a bola para ela, e quando era a vez dele de cortar, lhe acertava bem de leve para ela pegar a bola com ambas as mãos e dizer alguma coisa; qualquer coisa. O olho dele era verde e tinha ombros largos, com algumas sardinhas aqui e acolá, e ela ensaiava pensamentos sobre como as mãos quentes dele apertariam as suas enquanto eles iam passear sozinhos, sem ninguém para atrapalhar em sua volta. Mais uma batida na porta fez Sara voltar de seus devaneios adolescentes.

“Sara, posso entrar?”

“Entra pivete.” disse a menina com um sorriso.

A porta abriu devagar e uma criança de quase oito anos entrou com um grande calhamaço de desenhos. Ainda tinha a bermuda do colégio e seus dedos estavam um pouco sujos dos lápis de cor. Ele sentou-se na cama junto com ela.

“Julia não chegou ainda.”

“Não chame a mãe pelo nome. Já disse que é estranho.”

“Ela não se incomoda. Aliás, eu já disse para você trocar aquelas estrelas de lugar. Está tudo errado!”

“Eu deixei você mexer um pouquinho só Paulie e você já fica incomodando. Deixe Marte em paz! Esse é o *meu* universo!” a menina abriu seus braços em contentamento seguido de um passo de balé.

“Você é tão boba.”

“Você é nojento, ainda nem tomou banho.”

Paul a olhou com um sorriso maroto, porém havia algo diferente ali, algo que ela já vira nos olhos de seu pai, uma certeza absoluta sobre as coisas de que ela ainda não entendia.

*Às vezes você me assusta, Paulie.*

O menino ficou um tempo parado a olhando, entre um sorriso e um franzir de seu cenho. Por fim, ele puxou várias páginas com desenhos para cima da cama.

“Olha só, trouxe estes aqui para você ver.”

A menina desvia seus olhos dele, se inclina e puxa a lâmpada da tartaruga por cima dos papéis. A primeira impressão que Sara teve daqueles traços foi semelhante a descer de carro rápido por uma ladeira.

“Paulie... o que é... isto?”

“O que lhe parece?”

Sara levanta a lâmpada e vê melhor todo o desenho, feito com ponta de lápis. As sombras são muito detalhistas e nítidas. Sem dúvida era ela ali no desenho. O cabelo estava solto e na sua bochecha mostrava um pequeno corte, o olho um pouco maior que o outro e mais caído tal como ela era mesmo. Parecia um espelho em papel e a menina se assustou um pouco, levando sua pequena mãozinha em seu peito em emoção. Os pequenos detalhes e imperfeições estavam todos ali, inclusive suas duas pequenas pintas no pescoço.

“Essa ai... sou eu, Paulie. Como você...”

“Veja a próxima...”

Sara puxa a outra folha e estão os dois ali no papel, ela e seu irmão na excursão do colégio para o zoológico. A menina põe sua mão na boca e ri como uma criança.

“Esse foi um dia tão legal...”

“É. Gosto demais da girafa... Elas são divertidas, não?”

A menina puxa a outra folha e vê uma girafa com um bambu na boca. O nível de detalhe e tal que ela pode prever aquele desenho em movimento, a língua áspera da girafa e seus dentes grandes subindo e descendo, e a boca deslizando divertida de um lado para outro. Era impossível não sorrir ao semblante ruminante e dócil da girafa, com seus olhos grandes e suas marcas pretas pintadas ao longo de sua face. Qualquer menina diria que ele copiou o desenho, mas Sara conhecia Paul, e ele sempre estava quilômetros na frente em *qualquer* coisa. A menina tirou um pouco de cabelo da frente do rosto do menino, da mesma maneira precisa e com todo o tempo do mundo que uma mãe faria. Cuidara dele nos últimos anos praticamente todos os dias. Brincara de bebê com a coisa verdadeira enquanto as outras usavam de plástico. Tinha sido uma boa menina para sua mãe, que nunca sequer lhe agradecera uma vez sequer. O amor que sentia por Paul passava por tudo aquilo, e sabia que o quanto ele dependia dela era o mesmo que ela necessitava de um irmão para não se sentir-se só, em uma família caindo aos pedaços.

“Por que você nunca me mostrou esses?”

“Eu fiz hoje à tarde. Mas pratiquei bastante até conseguir as sombras do jeito que eu queria.”

*Não deveria mentir, pivete.*

*Não quero assustar você.*

Os dois estavam se olhando quietos tal como faziam de vez em quando. A menina às vezes imaginava as palavras saindo da boca de Paul, e muitas outras vezes ela sabia tudo que ele iria dizer, tal como saber uma conta de tabuada, preciso e certeiro como seis vezes seis era trinta e seis na ponta da língua. Isso era tão natural que a menina achava estranho por que ela não conseguia fazer isso com sua mãe ou mesmo seu pai. O garoto voltou seus olhos aos desenhos e sua irmã acompanhou os olhos dele. Sara então virou a página e um frio na barriga a fez quase gemer; suas costas esfriaram e tremeram enquanto ela observava um retrato fiel de Luke do time de vôlei sorrindo para ela e mostrando até um brilho em seus olhos. Por um momento, ela deixou o ar sair por um fio de sua boca que tornou-se um pequeno pontinho em meio ao seu rosto de criança.

Paul achou estranho a reação de sua irmã.

“Achei que você iria gostar de tê-lo em seu caderno. Ele é assim, não? *Luke Johansson?*”

Sara foi falar alguma coisa, mas a porta de entrada da casa abriu e Julia entrou. Os irmãos então ouviram uma discussão feroz. Depois de alguns momentos, Paul começou a chorar de seu jeito peculiar, onde só as lágrimas caíam. Sara agarrou seu irmão e os desenhos em um abraço tenro e forte.

“Abraço de urso...” disse a menina em sua voz de mãe.

“Eu nunca vou aceitar isso.”

“Quietinho Paulie, vai passar. Sempre passa.”

A discussão aumentou de volume e a outra porta do quarto de seus pais foi batida.

“Eu gostaria de dormir aqui hoje.” pediu Paul a Sara.

“Tudo bem, mas promete que só vai mostrar para mim os desenhos.”

“Sim.”

“Um dia a gente sai daqui, pivete.” foi o que ela conseguiu dizer ao seu irmão que olhava agora concentrado nas estrelas no teto do quarto. A luz do corredor desliga e a TV é ligada de novo. Aparentemente seu pai vai dormir no sofá mais uma vez. Alguns minutos se passaram e o garoto virou-se para o outro lado. Depois de ter certeza que seu irmão finalmente dormira, a menina pegou o retrato de Luke e disse boa noite.

Na sala, Charles trocava os canais da televisão sem parar.

\*\*

“Charles, você e o Harry levem o monstro até o terceiro andar.” falou o motorista do caminhão com certo prazer.

Stevens e outro ajudante foram até a parte de trás do veículo e abriram as portas. Lá estava uma geladeira branca, velha e enorme.

“Uma velha durona.” disse Charles.

“Que merda de serviço, cara.” resmungou Harry.

“Melhor que dormir no sofá.”

“De novo?”

“Pois é.”

Harry subiu no caminhão e começou a desamarrar a geladeira das presilhas. Charles sentiu um pontada nas costas e se curvou um pouco. Minutos depois, os dois já estavam subindo a escada. Harry na frente e Stevens atrás com a parte de baixo da geladeira. Esperando na porta, está uma velha senhora com óculos de fundo de garrafa.

“Cuidado com a minha Bertha. Ela sobreviveu dois maridos e um incêndio em setenta e seis.”

“Só um pedaço de lata para agüentar uma velha como essas.” disse Harry divertido.

“Cala boca e sobe.” resmungou Stevens.

Um cachorro pequeno apareceu na porta da mulher, começou a latir e saiu correndo pelo corredor.

“Cachorro!” disse Harry concentrado no peso.

O pequeno Cocker Spaniel começou a cheirar e a caminhar entre os dois. Stevens estava sofrendo com o peso, e quando subiu o degrau pisou na pata do cachorro que gritou.

“Cuidado!”

Com a lerdeza pantanosa dos pesadelos, o monstro-Bertha escorregou dos dedos de Charles, caindo em cima de sua perna logo acima do tênis causando um barulho de galho quebrado. Stevens congelou em pânico sentido um enorme formigamento irradiar em ondas de sua perna. Enquanto Harry lutava, xingava e fazia tudo o que podia para tirar a coisa de cima de Charles, Stevens desmaiou ouvindo os latidos do pequeno cão. Antes de apagar de vez, ouviu a velha urrar enlouquecida que iria matar aquela porcaria de cachorro dos infernos.

\*\*

Julia levantou-se ao meio dia, e encontrou Paul e Sara olhando televisão na sala. Mesmo sentindo uma tontura horrível, fez a comida das crianças com o que havia na geladeira. Depois do almoço, os irmãos lavaram a louça enquanto sua mãe descansava no sofá, que continuava com o travesseiro do marido.

O menino tocou no braço de Julia.

“Papai está atrasado.” disse Paul.

“Que horas são?”

“Quase duas.”

“Oh, meu Deus!”

A mulher se levantou imediatamente e correu ao banheiro, lavou seu rosto praguejando e depois penteou seu cabelo falando palavrões sem parar. As duas crianças estavam paradas na porta já com suas mochilas nas costas a observá-la em seu rotineiro surto de violência.

“Sara, traz o meu telefone aqui. Vou levar vocês à escola, por que aparentemente a única coisa que seu pai deveria fazer ele não faz.”

A menina em pouco tempo encontrou e trouxe o celular. Não ousava olhar nos olhos de sua mãe. Por experiência, a lei do silêncio imperaria até a outra semana, se nada a mais tivesse acontecido até lá.

“Vou ter de cancelar a faxina. Desgraçado!”

Julia penteou mais uma vez seu cabelo com violência e selecionou o nome *SUSAN* no celular. Depois de quatro chamadas, o operador informou que o celular estava fora da área de cobertura.

“Mas que droga! Filho da puta me paga!”

A mulher calçou seus sapatos quando o barulho de chaves na porta fez todos olharem para lá. Charles entrou em casa com um gesso enorme no seu pé esquerdo.

Julia parou por exatos dois segundos e bufou.

“Vamos embora.” disse ela.

“Oi crianças.” disse Charles sem ânimo.

Paul e Sara abraçaram seu pai enquanto Julia o olhava com ódio do corredor. Enquanto Charles explicava a eles o que tinha acontecido, o menino tirou uma caneta de seu bolso e escreveu seu nome no gesso.

“Vamos embora. Deixem o seu pai descansar, pois é a única coisa que ele sabe fazer. E *você* podia avisar de vez em quando.”

“Desculpe, eu me esqueci do celular completamente. E já estou bem, se isso lhe interessa.”

Enquanto Julia e as crianças entravam no carro, Stevens deitava de novo no sofá com um comprimido para dor na mão.

“Eu e você de novo, meu chapa.”

\*\*

No carro, Paul e Sara cochicham no banco traseiro enquanto sua mãe confere a maquiagem no espelhinho, tensa e com olhos duros.

“Ela bebeu de novo.” disse Sara baixinho.

“Papai vai se separar.” confirmou Paul.

“Não diga isso!”

“Oh, não me diga que você não percebeu?”

O trânsito estava devagar. Julia buzinava às vezes e resmungava algo baixinho para si. Ela trocava as marchas do carro velho com força e acelerava bastante quando havia um espaço.

Alguns minutos se passaram. A menina, acostumada com o comportamento da mãe (e um pouco entediada) deu um beliscão em Paul e ele quase não reclamou. Sara achava aquilo estranho, outras crianças revidariam imediatamente, e não a ignorariam como Paul fazia. Um pensamento leve passou por suas orelhas que aquilo seria o que um adulto faria, mas seus hormônios adolescentes venceram e a curiosidade a levou a dar-lhe mais um beliscão para ver o que acontecia.

Antes de Sara fechar seus dedos na pele do garoto, o menino parou subitamente e virou sua cabeça para o lado de Sara. O ar dentro do carro tornou-se elétrico, e a menina sentiu os cabelos dos braços endurecerem como se um frio súbito passa-se por ela. A menina voltou lentamente sua cabeça para onde Paul estava olhando e então gritou com força quando viu o rosto apertado de um homem contra a janela do carro. O vidro ao lado da menina embaça e fica molhado do outro lado. Um policial e um bastão de madeira seguravam o homem naquela posição.

A tontura em Julia da bebedeira do outro dia volta com toda a força, e ela se verga um pouco para frente com o susto e a violência do grito. Com o máximo de controle, a revolta no estômago é contida. O carro balançou e Julia finalmente voltou sua cabeça para trás para ver seus dois filhos se jogando para o outro lado do carro. Um outro policial veio na mesma direção e ajudou a tirar o homem dali algemado.

“Está tudo sob controle.” disse o oficial com seu rosto suado pela janela do carona para Julia.

“Cai...” disse Julia apertando seus olhos para se concentrar.

*(omeudeus vou passar mal na frente da polícia)*

“Cai fora do meu carro!” protestou ela de uma maneira esquisita. O policial fez um gesto com a mão indicando não se importar e foi voltando para a viatura.

Paul falou bem baixinho, mas Sara o ouviu.

“Algo... está diferente.”

Os irmãos sentaram agora bem próximos um do outro e seguraram suas mãos. Não falaram mais nada, enquanto sua mãe reclamou e xingou incessantemente o policial até chegarem à escola. Sara ergueu uma nota mental de que precisava parar com as suas criancices. Ao lado, Paul apertou um pouquinho sua mão, mas seu rosto contraído indicava que sua mente estava em outro lugar.

\*\*

“O diretor vai vê-los agora.”

Após chegarem quase uma hora atrasados, Paul e Sara entram no gabinete do diretor com suas cabeças baixas. De mochilas de rodinha ao lado, eles se sentam em grandes poltronas de couro preto. Os dois nunca estiveram ali, mas as histórias (inventadas ou não) de outros que passaram por esta sala, misturadas com o friozinho na barriga deixavam a imaginação da menina inquieta. Por outro lado, Paul achava aquilo no mínimo interessante. O diretor Richard Templeton terminou sua ligação no telefone e lhes deu o olhar. Sara sentiu-se envergonhada, mas não teve como conter um princípio de riso nervoso. Paul olhava o diretor e pensava no que ele iria dizer.

“Sara, vá para aula antes que perca matéria.”

Sara respirou mais calma, levantou-se e falou baixinho.

“Tchau Paulie.”

Paul balançou a cabeça continuando a observar o diretor.

“E você... Paul Stevens. Garoto prodígio?”

“Esse é o Robin. Eu sou só um garoto.”

Richard coçou sua barba grisalha, e por um momento Paul achou que ele devia ser muito velho, quase oitenta pelas rugas na sua testa.

“Deixe-me chamar sua professora.”

“Eu agradeço.” veio a resposta imediata.

O diretor o olhou esquisito, disse um *espertinho* com desdém e então puxou o telefone.

“Chame a Sra. Richarlier.” disse Templeton.

O escritório tinha uma janela horizontal grande, junto com uma persiana que estava aberta atrás de Paul. Através dela, Richard cumprimentou o professor de matemática que passava em sua cadeira de rodas com um pequeno aceno de mão. O professor perdera sua perna esquerda em uma viagem desastrada a Índia em um estúpido acidente de transito. Sua calça jeans estava arregaçada como um pescador faria para não molhar sua calça enquanto pesca.

*Pobre infeliz* pensou Richard.

“Estou ansioso por minha aula de frações.”

“Ah. Todos estão. É o evento do ano da escola.”

“Eu prefiro pizza; açúcar me deixa bobinho demais.”

Richard tamborilou seus dedos na mesa.

“Eu também. Não diga a minha esposa.”

Paul manteve seu sorriso enquanto sua professora Isabel entrou na sala e fez um cumprimento polido ao diretor da escola.

“Paulie.. o que houve?” perguntou Isabel com a mão no ombro do menino e um pouco agachada à sua frente.

“Meu pai se atrasou. Quebrou sua perna no trabalho.” disse o menino.

Paul olhou para o diretor e quando ia dizer que sua mãe não estava disposta hoje sua face mudou repentinamente para uma expressão de estranheza. O menino voltou seus olhos aflitos à Isabel, que retornou um sorriso.

“Bom, vamos para classe?” disse a professora tentando sair daquela situação constrangedora.

Mas Paul colocou a mão em sua boca por um momento, que se estendeu para outro e mais outro. Os olhos do menino iam da direita para a esquerda e depois se encontraram com os dois olhos azuis de Isabel, que estava um pouco assustada.

“Algo está errado.” disse Paul para a professora.

Isabel recuperou-se e ignorou completamente o que tinha recém acontecido – estaria ela vendo coisas? Os olhos do menino estavam tão aflitos.

“Vamos indo?” disse finalmente Isabel estendendo sua mão.

Paul virou-se novamente para o diretor.

“O telefone.” disse o menino se levantando abruptamente de sua cadeira, como se uma mola tivesse sido acionada.

O diretor e a professora se olharam enquanto o som do telefone ecoou pela sala.

“Onde está a Sra. Claire?” perguntou Richard como se nada estivesse acontecendo. Isabel forçou seu pescoço e viu que ela não estava na sua mesa.

“Ela... saiu?” disse Isabel ainda não entendo.

O telefone tocou mais uma vez.

Richard olhou desconfiado para Paul e olhou o relógio.

O telefone tocou mais uma vez.

Richard bateu sua mão forte na mesa.

“Fui professor por quarenta anos. E se você acha que já viu de tudo? Ora.. garoto prodígio aqui quase me convenceu.”

Richard alcançou o braço do menino e expôs o relógio dele.

O telefone tocou mais uma vez.

“Exatamente 15:20.” leu Templeton do leitor.

“Richard! Pare com isso.” sibilou Isabel nervosa.

O telefone tocou mais uma vez.

“Vou ensinar o Robin aqui uma lição. Tentando me pegar com o dia das frações. *Muito esperto!*”

O telefone tocou mais uma vez.

O diretor colocou em viva voz. Paul colocou suas mãos nos ouvidos antes de Richard começar a falar.

“Sara, eu não acred...” começou Richard.

*Havia no mínimo três vozes ao mesmo tempo em um volume tão alto que o amplificador do telefone rangia parecendo quase explodir. Gritos de um menino, agudos e persistentes de dor contra um outro, mais selvagem e ameaçador. Junto com eles ouvia-se a voz que Richard reconheceu ser da enfermeira da escola pedindo em prantos pelo amor de Deus que aquilo acabasse. Isabel sentiu um frio repentino por seu corpo e Templeton ficou pálido enquanto Paul se encolhia na cadeira. Passaram segundos de gritaria enquanto uma quarta voz, da sua própria assistente, rezava uma ave Maria em espanhol.*

“Richard... pelo amor de deus.” disse Isabel atônita se aproximando do telefone.

“Você não se mexa!” veio novamente a voz da enfermeira pelo alto-falante do telefone parando Isabel imediatamente.

O diretor ficou paralisado, porém mantinha seus olhos incrédulos em Paul.

“Richard!” berrou a enfermeira entre os gritos.

“E-Eu estou aqui.” falou o diretor.

“Pobre criança!” chorou a enfermeira enquanto o grito selvagem ia diminuindo enquanto o outro de dor cessara por completo.

“Eu.. estou aqui.” repetiu Richard.

A outra voz selvagem diminui bastante. Agora ouvia-se um lamento rápido e indistinto no fundo.

“Venha imediatamente para cá. *(o som fica abafado)* Claire pare já com essa merda *(volta o som)*. Temos alguém muito machucado. Já liguei para a ambulância. Esqueci o nome... do menino. *Oh, Deus pai todo poderoso.*”

A ligação é cortada.

Isabel seguiu o diretor, e Paul acompanhou sua professora. A enfermaria ficava no outro bloco, por volta de noventa metros dali. Templeton estranhou o barulho acima da média da escola e a falta de um professor monitor naquele corredor. Quando Isabel percebeu a médica fora de sua sala ela também realizou que estava segurando a mão pequena e suada de Paul.

Caren, que fora atendente de pronto-socorro por mais de quinze anos tremia e tinha riscos de sangue em seu avental. Quando o diretor, um homem velho vestido de gravata e sapato italiano chegou perto, ela começou a chorar e perder toda a sua compostura médica. Richard finalmente tomou ação. O diretor segurou na mão dela e lhe deu um aperto. Paul reconheceu o gesto de seu pai e Caren de seu ex-marido. Foi o suficiente em linguagem corporal para restabelecer um mínimo de controle.

“E-Eu fiz o que pude.” balbuciou Caren.

“Saia da frente.” disse Richard respirando pelo nariz.

“A situação está... *controlada*.”

“Sra. Caren!” falou o diretor mais uma vez.

A enfermeira olhou agora para Isabel, cujos olhos bailavam da roupa salpicada de vermelho até a pequena gota de sangue ao lado da boca da enfermeira. Richard empurrou Caren com o máximo de gentileza que pode. Ele viu pela porta de vidro ondulado três formas mais escuras. Uma forma estava em pé, e pelo tamanho deveria ser sua assistente. A segunda forma estava deitada em cima da mesa e a outra estava sentada no chão. Sua mente lhe lembrou dos gritos e ele estacou ali.

Isabel conseguiu libertar-se do choque e limpou o sangue do rosto da enfermeira com um lenço, depois agachou-se para falar com Paul.

“Querido, você não precisa ver isto. Fique aqui fora só um pouquinho. Tudo bem?”

“Sim.”

Isabel percebeu naquele instante que Paul sempre tinha as respostas ao pé da língua e de como aquilo era estranho comparado aos meninos de sua idade, que sempre estavam correndo e dificilmente trocavam mais de poucas palavras com adultos. A professora se aproximou da enfermeira e o diretor, e enfim eles entraram juntos um atrás do outro. Paul ficou com suas costas na parede e tinha o desenho de sua irmã apertado ao peito.

O que aconteceu com Richard e Isabel quando eles entraram na enfermaria não é muito diferente ao que acontece com as pessoas quando estão em um engarrafamento na estrada e de repente é a sua vez de ver na primeira fila um acidente trágico. No caso deles, talvez a porta de vidro tenha atenuado o choque inicial, mas o comportamento padrão veio logo em seguida. Templeton e Isabel viram primeiro a assistente Claire com todo o seu corpo de frente para a parede, gemendo e rezando contra a parede, como se quisesse naquele momento virar um pedaço vivo de escritório. Isso não os fez parar de andar devagar, ligeiramente encurvados em uma posição defensiva.

A segunda coisa que viram, por mais impossível que fosse, também não os fez parar. Era um menino deitado na mesa, do tamanho de Paul, com uma faca cravada na testa, levemente para a sua direita e os olhos muito abertos em choque. Gotas de sangue lentamente deslizavam do ferimento. A boca do menino tremia em uma cadência errática junto a um aparelho retorcido e lábios rachados em meio a muito sangue. Duas toalhas brancas encharcadas em vermelho ao seu lado mostravam o estrago.

Richard e Isabel continuaram andando segurando a respiração. Em frente, eles tiveram que descer seus olhos para o chão para ver o outro menino. Ele tinha as mãos vermelhas e lanhadas na parte de cima dos nós dos dedos. Aparentemente socara o rosto do outro menino para valer. Os pés estavam bem separados. Mas quando Richard e Isabel se agacharam o choque venceu as resistências da professora e ela gritou. Foi um grito curto e alto, mas foi enfim uma reação. Richard olhou ao seu redor com uma cara de quem ouvira dizer que a terra não girava mais em torno do sol ou que meninos tornavam-se loucos em uma manhã ordinária como aquela.

O rosto do garoto era de uma expressão de fúria e tensão total nos olhos e testa, mas a boca escancarada onde saliva pingava ao chão mostrava loucura controlada. Richard compreendeu na hora, mas a enfermeira quebrou o silêncio.

“T-Tive de u-usar toda a a-ampola.”

A secretária Claire retomou sua oração enquanto o diretor virou seu rosto para onde o garoto estava olhando e viu uma maça com um corte liso pequeno e perfeito na parte de cima de sua superfície. Um corte perfeito de faca.

Paul aguarda no grande corredor do segundo andar que serve de junção entre dois prédios. Junto com a enfermaria, ficam os laboratórios de química, biologia e física. Do outro lado, as salas de aula e a sala do diretor, como um pai de olho nas suas crianças. Porém, em pouco tempo Paul já não está mais sozinho. Três garotos e seus barulhos de borracha de tênis no chão se pronunciam no corredor. O menino se aproxima ainda mais da porta da enfermaria e os outros começam a bater nas janelas do corredor com suas mãos. Pela distância Paul não consegue distinguir seus rostos, mas pode ver que são meninos mais velhos e muito maiores que ele.

O estrondoso barulho de um grande acidente de carro junto com uma sinfonia de alarmes disputa os sons do corredor. Perto dali, meninos para sua partida de basquete enquanto a ambulância alça um pequeno vôo ao colidir de frente com um carro pequeno. Normalmente qualquer menino colocaria seu rosto à janela para ver o que aconteceu, mas hoje não era uma terça-feira comum.

A gangue continuou seu avanço implacável.

Paul guardou rápido o desenho de Sara no bolso enquanto mais um elemento se juntava aquela equação estranha de eventos. Atrás da gangue, estava o professor que deveria estar supervisionando o andar. O recém formado professor Kelso apertou nitidamente seu passo. Os garotos estavam a menos de cinco metros de Paul, que já podia ver seus rostos dali, com olhos muito abertos e uma expressão que lembrava algo como uma matilha de lobos sobre uma presa. O barulho dos alarmes de carro continuava, mas nem Paul nem o professor, que já estava nos calcanhares dos outros meninos, se interessaram.

Um dos membros da gangue virou-se ao pressentir que algo corria atrás e Kelso o acertou no mesmo momento no rosto. Um barulho de nariz partindo-se juntou-se aos sons da manhã; os outros pararam e imediatamente lançaram-se contra o professor. Como Kelso já tinha desferido o golpe no primeiro, expôs sua guarda aberta e uma pancadaria estranhamente silenciosa começou na frente de Paul.

Aquele que recebeu o primeiro soco avaliou a situação e resolveu voltar pelo corredor, continuando com o mesmo padrão de comportamento sobre as janelas (indiferente ao seu nariz quebrado), deixando um rastro de pingos de sangue sobre o chão. Os outros dois meninos lutavam com tudo que tinham: socos, pontapés, dentes e estrangulamento. O professor, que Paul notou um sorriso estranho, recebeu uma mordida em cheio em sua orelha. Não houve grito nenhum. Kelso segurou os cabelos do outro menino que buscava sua garganta e lhe desferiu um soco direto na barriga. Com calma, tirou o outro menino de si pelo pescoço e o arremessou na parede. Em poucos segundos os dois correram dali e voltaram a bater nas janelas tal como o primeiro fez ao fugir, com uma completa indiferença com o que acontecera.

Cabelos e sangue estavam no chão verde.

Kelso estava com um sorriso de dominação em sua face. Sua orelha direita sangrava escorrendo pelo pescoço. Paul viu seus olhos e compreendeu imediatamente. O jovem professor aproximou-se fechando seus dois punhos. A dois passos de Paul, ele levantou a mão com a formação dos dedos em pinça, indo diretamente para seu pescoço. Paul estava com uma expressão quase calma em seu rosto pálido.

“Você não devia ter feito isso.” disse Paul baixinho, mas aquilo ecoou na cabeça de Kelso fazendo o nariz dele sangrar e o sorriso desvaneceu para uma expressão de vazio.

Depois de um tempo, o menino ficou menos tenso.

“Olá, professor Kelso.” disse Paul.

Lentamente o homem adquiriu alguma expressão em seu rosto. Os olhos e boca esboçavam curiosidade, como numa conversa casual. Algumas gotas de sangue que caíam de seu nariz subiram a pequena lombada de seus lábios e pingaram no chão. Suas mãos ficaram abertas e repousadas ao longo de seu corpo.

“Você devia ir para casa.” disse Paul.

Kelso concordou lentamente e foi embora pelo corredor.

\*\*

Minutos depois, onde os adultos dentro da enfermaria gritavam entre si, Isabel abre a porta de vidro, tremendo nervosa dos pés à cabeça. Paul continua no mesmo lugar, apenas o desenho de volta em seu peito. A professora pega em sua mão e ele se vira para ela rapidamente.

“Precisamos achar Sara!” diz Paul com veemência.

Pouco a pouco o barulho normal da escola tornou-se uma gritaria incontrolável. A professora e o garoto correram pelo vão das janelas, enquanto na rua pessoas começam a brigar em volta do acidente com a ambulância na frente da escola. Isabel nota o sangue no chão, mas deliberadamente o som de destruição e vidros sendo quebrados por toda a escola a faz correr junto ao menino. *Alguma coisa está definitivamente errada* foi o que Isabel pensou, porem aquilo já tinha sido dito muito antes pelo menino a seu lado.

Os dois, sem se perceber, corriam. Momentos depois de deixarem o corredor, a professora e seu pequeno aluno alcançavam a larga escada, feita para mais de vinte crianças subirem ao mesmo tempo para suas aulas. Isabel apertava forte a pequena mão de Paul, ao ponto de seus pequenos dedos ficarem brancos nas pontas. A acústica imensa da escola junto a uma baderna de crianças gritando com todos os pulmões faziam a professora se sentir menor enquanto por reflexo mantinha a sua cabeça e ombros para baixo.

Subiram a escada e contornaram a esquina rumo a classe de Sara. Paul teve de puxar sua manga duas vezes para ela perceber que tinha algo a dizer em meio ao barulho descomunal ampliado pelo eco da arquitetura aberta do andar.

“Todas as salas estão fechadas. *Eles* têm problemas com espaços fechados.” falou Paul o mais alto que pode.

Os olhos de Isabel continuaram muito abertos e aquela informação não conseguiu entrar na maré de conflito interno que estava jogando suas idéias para todos os cantos.

“Estamos perto..”

“Ela está muito assustada.” disse Paul aflito.

“O quê?”

Isabel estava em completa negação. Por um instante esqueceu completamente que uma criança estava com uma faca cravada na cabeça e que outra tinha sido drogada para ser contida. O agora presente e dominante tomara conta de si, e ela somente ouvia a confusão atônita. Paul a puxou pelo braço com seu rosto sério e a professora continuou andando. Vidraças eram quebradas, provavelmente por cadeiras e Isabel rompeu um soluço assustado. Eles continuaram em linha reta em direção ao próximo andar e subiram a escada cada vez mais rápido.

Paul conseguiu se soltar e abriu a porta.

Sara estava embaixo da classe da professora, a maior de todas, encolhida e de olhos fechados com as mãos nos ouvidos gritando. Entre eles e Sara só existe o quadro de giz verde e um vão de oito metros.

Depois de um instante de felicidade e hesitação por ver sua irmã, Paul dá o primeiro passo. No mesmo tempo, um menino louro de doze anos, apavorado como um esquilo dentro de uma toca de raposas é jogado contra o quadro com muita força na frente de Paul. Outros dois meninos da mesma idade aparecem e investem contra ele, o enchendo de socos direto na cabeça. Outras duas meninas, ambas com seus narizes e orelhas sangrando se juntam a pancadaria e puxam o menino de volta para a sala de aula pelos cabelos, onde Isabel e Paul não conseguem mais ver.

Os gritos dentro da sala ecoariam para sempre na cabeça de Isabel. Ela juntou aqueles gritos com as faces de seus alunos em uma golfada lenta e comprimida por sua boca quase fechada. Gritou histericamente tudo o que conseguiu. Depois de sentir seu estômago subir a garganta, tossiu e gritou ainda mais um pouco. Por fim, sentiu suas pernas ficarem moles e vergou seus joelhos no chão duro de pedra.

Paul deu mais um passo à frente.

Sara levantou seus olhos e viu seu irmão perto da porta. O grito de agonia do outro garoto loiro cessa e o barulho abafado de chutes vai parando. Um pequeno esboço de alento surge na face da menina e ela tira suas mãos dos ouvidos.

Atrás de Isabel, Kelso se aproxima incólume da escuridão do banheiro. A professora quase não acredita quando algo lhe toca e em puxão lhe tira do chão pelos cabelos. De puro horror em sua face, ela volta de novo à negação da realidade enquanto Kelso a joga contra a parede e fica com um chumaço amarelo de cabelo em sua mão direita.

Isabel pouco reconheceu o que viu em sua frente. Kelso tinha tiques em seu rosto e os olhos com a parte branca em um tom rosa, quase vermelho. Seu cabelo estava bagunçado e sua camisa estava de um vermelho escuro, vindo de um traço de sangue direto de sua orelha. Ela então viu algo borrado e sua cara virou para a esquerda em um soco fortíssimo. Kelso virou um pouco sua cabeça para a direita e viu um mural de vidro com as notas dos alunos. Pegou a professora novamente pelos cabelos, lhe puxou para o outro lado e foi batendo com o topo da cabeça de Isabel até o vidro quebrar por inteiro.

Paul virou seu rosto para a direita.

Sara pediu socorro aos prantos. Os meninos e meninas que estavam de pé, ao todo doze, viraram seus rostos cheios de loucura para Sara. Deitados no chão e ao redor da sala (abaixo e sobre as carteiras) estavam os outros vinte e seis corpos. O chão estava lavado de sangue, e por todos os lados haviam folhas, cadernos, tesouras, cabelos, lápis e giz de cera em meio à classes quebradas e espalhadas pelos cantos.

Isabel começou a compreender que estava apanhando. A dor ainda não tinha chegado completamente devido a sua adrenalina. Ela forçou sua cabeça para trás e junto com cotoveladas conseguiu sair daquela posição.

Paul virou-se para os dois adultos, olhando demoradamente para Kelso, que imediatamente ficou parado, mas a expressão de fúria permanecia e pelo contínuo tremor nas mãos havia uma luta interna acontecendo.

O grito de Sara fez Paul voltar sua atenção à sala. Todos os outros meninos estavam tentando pegá-la embaixo da classe. Isabel viu Paul entrar pela porta aberta e correu junto para dentro da sala, ignorando o professor Kelso que parecia uma estátua de carne em um museu de horrores.

“Me ajude Isabel!” gritou Paul.

Agora, alguns dos meninos estavam parados, e outros estavam se mexendo mais devagar como se algo invisível os segurasse. Sara batia com sua mão fechada com força nos dedos de uma menina que estava próxima querendo lhe agarrar de forma estranhamente silenciosa, como um predador convicto. Paul estava a menos de quatro metros de sua irmã. Isabel começou a empurrar e brigar com os meninos, que com unhas e pequenas mãos tentavam seu cabelo e pescoço.

Sara continuava gritando.

A escola inteira vibrava por todas as janelas.

Ao receber uma forte dentada em seu antebraço por um menino ruivo e com nariz quebrado, Isabel esqueceu que aqueles um dia foram alunos do colégio e investiu com toda a sua força, tirando um a um de seu caminho. Usava cotovelos, joelhos – os pegava pelos ombros e eles caiam ao chão.

*Ao mesmo tempo, folhas e papéis que estavam no chão se moviam, o ar ficara elétrico e algumas carteiras deslizavam como se um pequeno tornado estivesse dentro da classe.*

Paul se aproximou atrás de Isabel suando muito. Sara escapara debaixo da mesa e estava apertada contra a parede. Sua colega Marcy, com aparelho retorcido e sardas em meio a um rosto salpicado de sangue, lhe acertava socos por todos os lados. Isabel estava perto, mas os últimos dois meninos eram fortes e a tiravam de seu equilíbrio. Ela estava quase alcançando os cabelos de Marcy, mas seu pavor a pegara de volta, perdendo sua concentração e entrando em profunda negação mais uma vez. Paul percebeu a fraqueza mental de Isabel e não teve escolha. Uma pequena gota de sangue rolou de seu nariz, molhando seu lábio.

*Em outro lugar perto dali, uma resistência é detectada.*

Os meninos que apertavam Isabel fecharam seus olhos e resvalaram ao chão, como se todos eles quisessem dormir ao mesmo tempo. A outra garota que mantinha o rosto de Sara apertado entre suas mãos, caiu por cima da menina, que continuou gritando sem parar levando suas duas mãos juntas abaixo de seu queixo e seus antebraços em uma postura de pura defesa, tentando escapar do corpo quente e suado da outra.

Isabel ajudou a menina a se desvencilhar e as duas se enlaçaram em um abraço confuso, gritado e chorado. Ao ver o rosto singelo e agradecido de Sara e aqueles olhos verdes (lacrimejantes, porém sadios), a consciência de Isabel voltou imediatamente e ela sentiu-se no controle de si mesma pela primeira vez em muito tempo. As dores em seu corpo finalmente reclamaram, mas sua mente estava sã e naquele momento era tudo o que importava.

Paul juntou-se ao abraço delas e passou o dorso de sua mão no rosto de Sara.

“P-Paulie...” balbuciou a menina chorando intensamente.

O garoto somente sorriu e limpou o sangue de seu nariz.

“Algo mudou...” indagou Isabel para Paul, com olhos muito assustados.

Todo o barulho da escola havia cessado, era isso que tinha acontecido. O barulho de coisas sendo jogadas e arremessadas também parou. Sara colocou sua cabeça mais próxima da professora.

“Precisamos falar com o diretor. Ele está na enfermaria. Ele... Ele saberá o que fazer.” disse Isabel segurando a mão de Paul que segurava a mão de Sara. A moça tentou em vão mais um movimento, mas Paul não se moveu.

Sara colocou sua outra mão nos olhos, tentando não ver mais a loucura em sua frente ocupando o local onde ela estudara por tantos anos e que aprendera a apreciar, onde as brigas e discussões de seus pais não eram permitidas. Forçava algum refúgio mental agora para seu quarto, onde com a ajuda da tartaruga-lampião lia seus livros de magia e fantasia, onde os únicos que se machucavam eram *Orcs* e *Morlocks*, não pequenos meninos e meninas.

Paul deu um puxão em Isabel.

“Isabel, olhe em seu redor.” disse Paul.

*É perigoso. Posso me perder para sempre* pensou Isabel tremendo por todo seu corpo mantendo seus olhos fechados.

“Não negue o que está acontecendo.” disse Paul, soando como o único adulto entre os três.

“O diretor... precisamos...” disse Isabel relutante.

“Ele se foi. Ele é mais um dos perdidos.”

“O quê?”

“P-Paulie... vamos embora.” chorou Sarah.

“Os próximos ataques não serão mais sem propósito. As peças já foram conquistadas, e as partes resistentes separadas. Ele sabe que não pode nos pegar como fez com os outros. Precisamos de algum lugar seguro para resistir ao próximo ataque.”

Isabel ouviu sua mente lhe dizer *lugares fechados,* lembrando o que Paul havia dito pouco tempo atrás.

*Em breve as portas das salas vão se abrir e teremos sérios problemas,* pensou Isabel.

*Certo* foi uma resposta em voz adulta, masculina e firme, mas não a ouviu por seus ouvidos. Não podia dizer como, mas sabia disso com toda a certeza de que o céu era azul. Isto foi suficiente para soltar as mãos dos dois e olhar desconfiada para o menino.

“Algum lugar estreito, com portas reforçadas.” disse Paul mais convicto.

“Por que isto não aconteceu com a gente?” perguntou Sarah aos dois.

“É... *complicado*. E você não iria entender.” disse Paul.

“Como você pode...” começou Isabel.

“Como estão papai e mamãe?” perguntou a menina para Paul.

Isabel conteve o ímpeto de segurar Sara e impedir que ela terminasse de fazer a pergunta. Ela não queria saber de nada, não queria mais se envolver; seu mundo interno não agüentaria mais rupturas colossais como o que vinha acontecendo. Para uma criança deveria ser mais fácil fazer a travessia do impensável, mas para ela era traumatizante ver a realidade calcificada em sua cabeça arrebentada com tanta fúria e violência.

O garoto segurou as duas mãos de sua irmã de uma forma gentil.

“Charles está mais longe, mas Júlia, ela é... resistente de alguma maneira. De alguma forma seu corpo e espírito naturalmente criou uma espécie de proteção. Talvez ela tenha sido exposta muito tempo ao... *adversário*, trazendo efeitos colaterais imensos pela correspondente exposição à tamanha loucura.”

Sarah começou a gritar e chorar por sua mãe, apertando os dedos pequenos de Paul.

“Oh, não...” disse o menino com temor nos olhos agarrando na mesma hora a mão fria e relutante de sua professora, que imediatamente tentou puxar de volta.

Isabel foi perdendo os sentidos rapidamente enquanto tudo ficava preto e um barulho crescente de vento em seus ouvidos.

Dentro de sua mente ela gritou, gritou e

\*\*

*gritou até perceber que via Paul, Sara e inclusive a si mesma como espectros. Uma euforia rapidamente tomou conta de si, pois não sentia mais a gravidade. Não estavam mais na escola, e sim em uma outra rua da cidade que ela desconhecia. Naquele breve instante achava que tinha morrido, mas a paz que irradiava dela e dos outros fez com que não se importasse com esse detalhe. Tal deslumbramento durou pouco, pois ouvia o choro incessante da menina e Paul falando a eles sem mexer sua boca; por seus novos olhos via uma mulher saindo do carro e entrando em um prédio residencial.*

“*Julia ainda não sabe o que aconteceu*”, *disse Paul Stevens com a voz adulta que Isabel reconheceu, pois já a ouvira antes.*

“*MÃEE!*” *gritou Sara desesperada e indiferente a tudo.*

“*Desculpe Isabel, mas preciso de toda a energia possível, e Sara está muito debilitada.*”

“*Q-Quem é v-você?*” *perguntou Isabel.*

*Os três, agora em sua nova forma foram atravessando os muros e tijolos, que eram pura luz dentro deles. Paul pressentiu a cadeia de pensamentos de Isabel e voltou-se para ela, enquanto remotamente seus cérebros registravam tudo que acontecia da melhor maneira que podiam: tornaram-se fantasmas.*

*Paul tentou esclarecer as coisas.*

*“Esta é nossa verdadeira natureza. Somos seres de energia preenchendo dividindo as cavidades dos cérebros de seres de carne e osso. Deslizamos agora pelos átomos de todas as coisas pelo fluxo elétrico de nossa consciência com sua conexão deste mesmo universo. Pelas regras da natureza podemos deslocar parte desta mesma consciência no contínuo espaço-tempo, mantendo o veículo carnal em paralisação.”*

*“N-Não estou pronta para isso.” falou Isabel.*

*“Ela está entrando em casa” disse Sara aflita.*

Julia abriu a porta e viu Charles de pé, com seu gesso assinado por Paul. Seus olhos injetados de fúria a fizeram engolir em seco, mas ela fechou a porta atrás de si furiosa.

“O que está olhando, seu *cretino*.”

Charles, que sempre fora capaz de destilar sua raiva e frustrações em longos discursos permaneceu quieto.

Julia percebeu isso e enervou-se.

Charles pegou um taco de beisebol ao chão encostado à parede. Ele o girou no ar, mantendo a expressão alucinada e agora exibindo dentes.

“Não faça isso!” pediu Julia entendendo o perigo em que estava.

*“Lembrem-se de coisas boas” pediu Paul.*

*“Como?” perguntou Sara.*

*“Lembranças boas representam fluxos de energia de um mesmo padrão que preciso. Para salvar os dois, precisamos vencer as barreiras do adversário, que já dominou papai.”*

Julia começou a tremer e deu um passo para trás, enquanto Charles foi quebrando um por um dos móveis da sala com o taco.

“Pare com isso, seu doido!” gritou Julia.

O homem continuou indiferentemente.

*“Papai! Deixe a mamãe em paz!” gritava Sara.*

*Isabel e Paul viam-se diferentemente. Uma espécie de brilho azul emanava dos dois.*

*“Acho que posso... fazer isto.”*

*“Sara é muito pequena. Preciso de você Isabel.”*

*“Eu amei intensamente há muitos anos. Consigo me lembrar de tudo neste... estado. Oh Deus, que saudade de meu amor!”*

*Paul voltou-se para Sara e girou seu corpo em volta dela.*

“*Sara*. *Preste atenção agora.”*

*“Sim, Paulie?” disse a menina olhando o corpo de Paulie que emanava um azul lindíssimo como a aurora boreal.*

*“Lembra-se do zoológico? Preciso que você se lembre. Você me ajuda?”*

*“Sim, Paulie” disse Sara um pouco mais calma.*

*Ao redor deles, projeções espectrais dos animais começavam a correr por eles: macacos, pássaros, camelos, elefantes e girafas. De mãos dadas com Paul, Sara observou maravilhada a tudo aquilo e começou lentamente a emanar sua própria luz azul de suas mãos pequeninas. Depois de um tempo, Paul largou a mão de sua irmã e convergiu toda aquela energia de todos eles para Charles em um movimento que Isabel vira em suas aulas de Tai-Chi.*

*Aquilo fez com que Charles larga-se o taco.*

*“Está funcionando!” gritou Sara vendo e sentindo algodão doce, pôneis e todos se divertirem com os macacos pulando pelos galhos e roubando bananas uns dos outros. Perto dali estavam também projeções de seu pai e mãe de mãos dadas sorrindo em silêncio, e de quando os dois achavam que ninguém estava olhando, se darem um beijo com desejo e culpa.*

*Isabel sentiu toda aquela energia como se estivesse no centro de uma tempestade elétrica e ao seu lado estava um homem segurando a sua mão. Ele a olhava com um jeito triste, porém emocionado.*

*“Você se foi muito cedo, Mike.” disse Isabel emanando sua própria luz azul esplêndida.*

*“Eu nunca te esqueci.” disse o rapaz.*

*O homem a contemplava e balançou a cabeça afirmativamente. Tinha uma barba grossa e um pouco grisalha.*

*“Você precisa ser forte.” falou ele para Isabel.*

O taco rolou ao chão e Charles levou suas mãos aos olhos, tremendo por todo seu corpo. Julia olhou para a destruição de sua casa e seu temor inicial tornou-se indignação imediatamente.

“Para mim já chega! Eu quero o divórcio Charles, seu... seu miserável *vagabundo*!”

Os olhos de Charles piscavam e seu equilíbrio vacilava, pendendo para a esquerda e direita segurando sua cabeça agora em uma grande expressão de dor. Julia se aproximou dele e lhe deu um forte tapa no rosto.

“Isto é por ter roubado quinze anos de mim!”

Julia lhe deu um empurrão e Charles caiu sentado junto aos cacos de vidro. Sangue correu de suas coxas.

“Isto é por todas as suas porcarias de promessas!”

Julia tirou seu anel de casamento e jogou no peito dele. Ela fechou seus dois punhos e cerrou seus dentes.

“Quero você fora da minha vida! *Fora! Fora! Fora!*”

Charlie Stevens olhou pela última vez para sua esposa. Sua cabeça pendeu ao chão e seus olhos fecharam.

*“Oh não...” disse Isabel percebendo sua aura diminuir e Mike começava a sumir de seus olhos. Os bichos que corriam por todos os lados sumiram rapidamente. Estavam os três sozinhos de novo.*

*Paulie falou rapidamente a eles.*

“*O pouco de consciência que Charles mantinha não consegue lidar com o fracasso do casamento deles. Ele está se lembrando de tudo que deu errado e o adversário está usando isso para...”*

Charles foi levantado pela camisa por Julia, que simplesmente queria lhe agredir. Quando os dois ficaram frente a frente, Julia viu a face estranha de Charles novamente e pânico substitui toda a sua raiva conforme ela olhava as córneas diferentes e os dentes a mostra. Em dois segundos ela entendeu que aquele não era seu marido e sim uma coisa monstruosa em fúria.

“Por favor, não me... machuque.”

Charles lhe deu uma cabeçada que a fez ver pontos brancos em sua visão. Depois disso jogou-a contra a parede. Ele foi até a ela e a segurou pelos cabelos lhe mostrando a janela. Julia começou a gritar e os dois foram de encontro ao vidro, espatifando-o e mergulhando de cabeça de uma altura de três andares.

[2]

JAMES

Na frente de uma casa no subúrbio, James Burtows toca na campainha pela quinta vez. No vidro da porta, o jovem arruma seu cabelo loiro e levanta seu dedo novamente à campainha. A porta abre e um sorriso calculado e automático molda seu melhor rosto de rapaz simpático na frente de uma senhora idosa.

“Não quero comprar nada.” antecipou-se a mulher azeda.

“Eu não vim vender nada, Sra. Margret.”

“Então caia fora. Tenho de sair.”

A mulher enorme abre a porta e sai com sua bolsa apertada ao peito. O rapaz a acompanha pelo jardim de entrada da casa.

“Sou do *Inside View*."

Ele mostrou o seu cartão em vão à mulher que mantinha sua careta.

"Você estaria interessada em uma entrevista?”

A mulher para e encara o rapaz com outra careta ainda mais forte que a primeira.

“Ora, me deixe em paz. Você tem alguma idéia do que tenho passado ultimamente?”

“Sim, senhora.”

A senhora lhe dá as costas e distancia-se caminhando pelo gramado até a parada de ônibus.

“Você recebeu a carta, não recebeu? Do governo?”

Ela continua a caminhar, mas o passo diminui.

“Seu marido não está morto.” diz James.

A mulher para e volta-se para o rapaz. Com o rosto no sol, a maquiagem excessiva junto com as sobrancelhas pretas pintadas fazem James quase torcer o nariz. Tentando controlar-se, ele morde seu lábio inferior e desvia o olhar para os olhos da mulher.

“Olhe aqui, seu pirralho de merda. Eu preciso dessa pensão. Não se meta!”

“Está dispensando grandes oportunidades.”

A senhora aproxima-se de James e a careta se transforma em curiosidade.

“Eu preciso da carta.” diz James enfático.

“E eu preciso sair da casa da minha irmã, ter a minha TV a cabo de volta, meu carro, minha casa de dois pisos e uma maldita geladeira só minha. Eu perdi... tudo...”

James tira sua carteira e começa a empilhar notas e lhe pergunta:

“Quanto você amava seu marido?”

A senhora não fala nada, mas se aproxima e já toca o dinheiro com a ponta de seus dedos. James lhe entrega tudo com um sorriso.

“Você poderá saber tudo sobre seu marido na próxima edição.”

A senhora coloca o dinheiro dentro de seu sutiã como alguma prostituta velha e lhe entrega a carta verde que estava dentro da bolsa. Com um sorriso começa a voltar para a casa.

“Sra. Margret?”

Ela volta sua cabeça com um sorriso amigável.

“Eu só preciso saber algumas coisas...”

\*\*

“James... não seja idiota” disse a voz no telefone.

“Sim, mamãe.” retrucou ele sem paciência.

Houve um momento de silêncio. James ouvia o ventilador de teto do outro lado da linha como sempre rangera nos últimos três anos.

“Se você prosseguir garoto... você está sozinho.”

“Me mostre algo novo na cidade.”

James desligou o celular e o colocou de volta na sua sacola. O sacolejar do ônibus fez o canto de uma foto aparecer de uma pasta marrom. Burtows suspirou e trouxe a pasta para seu colo. Ele fechou a proteção de pano da janela e ligou a luzinha de leitura. A viagem até a base normalmente levava quarenta e cinco minutos, mas houvera um acidente no percurso. Já estava a mais de uma hora naquele ônibus velho.

Conferiu mais uma vez sua identidade falsa.

“Mathew Williams Jr.”

Burtows passou a mão pela pasta e abriu na primeira página. Não redigira nenhum texto ainda. A primeira e segunda fotos presas com *clips* eram coisa de amador, aparentemente normais caso você emprestasse sua câmera a uma criança no parque; mas James as manteve por que elas davam um contexto, pois ao virar-se a página a história revelada não era bonita – era o close de um tiro de rifle sendo disparado por um soldado em um cidadão na rua, mostrando o clarão da pólvora. Junte a isso a placa na esquina e temos sua localização. Mas isso qualquer leitor ávido da *Inside View* chegaria a conclusão de que houve uma operação militar dentro de casa. A próxima camada só pode ser vista com lupa, e então James a tira de sua pasta. Esta parte faria seus leitores ‘pularem de suas meias’, como diria seu editor.

*Havia algo terrivelmente errado com o rosto do cidadão*.

No lugar dos olhos, dois buracos com o que sua imaginação registrava como sangue seco em seu redor; a boca de derrame para a esquerda estava sem os dentes da frente. Talvez por um capricho do destino, a foto foi tirada no mesmo instante que a bala estava dentro do rifle; um instante depois não teríamos cabeça alguma para ver. Aquilo fez Burton mexer-se na cadeira involuntariamente

(*parem com isso, me larguem.. ME LARGUEM!)*

e o fez engolir em seco guardando tudo amontoado embaixo de seu assento de qualquer maneira. Abriu sua janela e por um instante mordeu a unha de seu dedão como se tivesse oito anos de idade. Em algum lugar de dentro de si algo revirava e gritava, mas James não conseguia acesso. Seu médico o informara que amnésia pode ser fruto de algum evento traumatizante, o que não era nenhuma dedução brilhante depois de o acharem em casa sujo de sangue, deitado dentro da banheira segurando sua câmera fotográfica como um bebê indefeso. Após um breve repouso de uma semana em uma casa de descanso, seu chefe foi lhe buscar e lhe confessou que nunca vira nada igual em seus dez anos de tablóides, nem quando outro novato teria entrado dentro de uma cena de crime e visto os corpos pendurados no varal. Os arames com os pedaços selecionados de carne (um pequeno *post-it* amarelo indicava ‘língua’) e os tênis sujos ao lado, por ordem de tamanho. As cabeças estavam de ponta cabeça, com as bocas abertas em um sussurro macabro, onde moscas disputavam lugares dentro da cavidade oca. O nome do garoto era Jimmie, fotógrafo de vinte e oito anos vindo do Alabama e ele gritou “até acordar os mortos” foi o que a policia disse junto a ambulância, depois de duas aplicações de tranqüilizante. Foram necessários dois homens fortes para segurar o garoto e lhe aplicar as injeções.

Burtows, no entanto, estava machucado dentro de sua banheira como se tivesse fugido de um campo de concentração na selva, e o silêncio de sua boca não era mais assustador que a expressão do medo visceral em seus olhos. Sua mente se fechara ao chegar em casa depois de fugir do *ponto zero*, provavelmente quando o som da explosão alcançou e quebrou todas as suas janelas.

\*\*

Um jovem Mathew Williams Jr. aparece na frente de um cansado oficial do exército, onde na plaquetinha em cima de sua mesa está escrito *Tenente Daniel Rivers*. Enquanto fala com Burtows, Daniel lê a carta que o jovem prontamente lhe entregou.

James deu uma boa olhada para o lugar. Nenhuma foto na parede, nenhuma condecoração e apertado como um elevador. Na verdade parecia com o escritório dele, onde escrevia suas historias ‘coisa-de-doido’ como seu pai lhe dizia. Em seu antigo blog pegava fotos estranhas da internet, e escrevia seu texto como os antigos criavam suas lendas, deixando sempre algumas perguntas não respondidas como uma pista de avião para que a imaginação de seus leitores decolasse.

Tudo que precisava era de uma história.

*Uma grande história* repetiu para si mesmo.

“Então sua avó está no médico. Mas você veio assim mesmo...” houve uma pausa e ele voltou seus olhos ao repórter, *“Jr?”*

Um frio súbito em sua barriga devolveu-lhe ao mundo real. Botou em prática seu curso de três meses de arte cênica que assistiu em seu período ‘artístico’ segundo ele mesmo registrara na história de sua vida.

“Sim, a pensão é importante para minha avó.”

“Sentimos muito mesmo por sua perda. Garantimos todas as compensações da sua família de acordo com este documento. Infelizmente teremos de mandar um oficial até sua residência, pois somente ela pode autorizar o processo.”

*Hora de jogar* registrou a mente de James.

“Então, o que realmente aconteceu?” perguntou James quase distraidamente, mas uma gota de suor deslizou de sua testa. Houve uma grande pausa, tão demorada que o estômago nervoso de James deu algumas voltas e ele achou que seu embuste fora descoberto.

Daniel se levanta e senta na cadeira ao lado de James com uma pasta. Tentou ler o semblante do militar, mas sem nenhum sucesso, pois aparentemente o Tenente mostra-se confuso, perdido e um pouco perturbado.

Por fim, o homem falou.

“Não é mais segredo nenhum. Já se passaram dois meses do acidente. Amanhã mesmo sairá o pronunciamento oficial.”

“O que causou a explosão?” pergunta James, agora mais repórter.

Mais uma leve pausa. Um sorriso leve brota no canto da boca do tenente. Ele abre a pasta e tira algumas fotos.

“Vê isso? É uma UAC-499. Nossa melhor arma de detonação micro-nuclear já produzida, feita para lançarmos em bunkers inimigos para avançarmos as tropas.”

James abriu a boca para falar. Rivers falou por cima.

“O problema da 499 é que foi pouco testada. A merda disso tudo é que tivemos de reestruturar nosso sistema, e a informação sobre a arma vazou.”

Rivers colocou outra foto na mesa para James.

“Este avião, cujo piloto não temos nenhum dente ou osso, foi roubado. Quando ele passou por Rotterdam, nós o acertamos, mas o software de gatilho da arma deve ter sido modificado pelos terroristas.”

“E dois quarteirões foram pelos ares.”

“Bom garoto.”

James já imaginava uma explicação ridícula como aquela, mas já fizera seu tema de casa no ônibus e sabia qual era sua próxima jogada.

“E a quarentena?” perguntou incisivamente o rapaz.

A mudança de tom no oficial foi súbita.

“Você acha que isso é uma brincadeira?”

“Não. Mas a quarentena veio antes da explosão.”

Houve uma breve pausa. Os visitantes marcaram seu ponto e o pequeno sorriso sumiu do canto da boca do tenente, mudando imediatamente o tom da conversa.

“Eu tenho aqui a foto de seu avô. Acho que foi por isto que você está aqui, não? Não é muito bonita. Tome o seu tempo para identificá-lo... se conseguir.”

Rivers deslizou uma foto preto e branco até a frente de James. Havia uma pessoa grande e carbonizada deitada em uma mesa de necrotério. Na segunda figura, o close do cadáver, sem o nariz e parte do queixo. Houve um momento de silêncio e James falou com todo o controle que conseguiu, num misto de raiva, estupefação e angústia.

“Você deve estar tirando com a minha cara!”

“Este é seu avô, filho. Não lute contra isso. Temos prova de arcada dentária e DNA. Somos muito bons no que fazemos, e estamos falando de cidadões da amér...”

“Vocês não sabem de nada. Meu avô... só tem uma perna.. Isso é... *ultrajante!*” gritou James empolgado com sua atuação, entrando mesmo no personagem.

A boca de Rivers abriu e nenhum som saiu de lá. James teve tempo de refletir que sua atuação silenciosa no ônibus fora melhor, mas os gestos e expressão estavam excelentes naquele momento. Mesmo assim, havia sempre o último ato. James levantou-se e começou a gritar e a jogar as fotos da mesa ao chão.

“Que merda é essa? Que porra de merda é esta que vocês fazem aqui o dia inteiro?”

Rivers levantou-se imediatamente e foi até a porta. James aproveitou que o outro estava de costas e colocou uma pílula rápido em sua boca e mastigou, berrando suas grosserias com os dentes da frente apertados enlouquecidamente.

“Cadê o meu avô! Eu quero o meu avô!”

Dois soldados entraram com aparelhos de choque nas mãos. James foi jogado ao chão e tomou um choque no pescoço e outro na coxa. Aquilo ia doer, mas *quanto pior melhor* era outro lema do escritório.

Em menos de um segundo, James se arrependeu de ter batido na porta da velha azeda ou mesmo de ter levantado da cama hoje. A dor cresceu e todo o seu corpo virou uma enorme bola infernal de câimbra. Tentou gritar, agora sem nenhuma interpretação, pois sua garganta estava travada. Sua mente revoltava-se e ele podia se ver deitado mais uma vez dentro da banheira, o enorme clarão, e alguns segundos depois o barulho, o vento e os vidros quebrados ao chão.

“Agora fique quieto garoto. Vou chamar um médico para você. O efeito passa logo, e espero que reflita sobre seus atos.” disse Rivers.

Depois de alguns espasmos de James, um soldado que estava ao lado agachou-se e viu a boca espumar-se de forma agressiva do rapaz.

“Médico! Médico” disse o soldado levando o rosto de James.

“Não-não-não-nm.... me larguem, me larg...”

James desmaia em sua melhor interpretação do ano.

\*\*

Na enfermaria da base, James acorda com um aparelho acoplado em seu dedo monitorando seu coração. Ele abre seus olhos e um médico que o aguardava se levanta da cadeira.

“Você passou por um choque muito forte, mas não é nada grave, talvez sinta um pouco de desconforto no inicio. Não se preocupe, já chamamos uma ambulância e você será encaminhado para o Saint Patric para exames.”

A imensa bola de câimbra tinha ido embora, mas suas juntas não paravam de reclamar. Suas memórias voltaram rapidamente, e lembrou-se de ter feito o seu plano sozinho no escritório, onde dormira em um destes sacos de dormir para escoteiros nas últimas semanas, apesar das reclamações de seus colegas.

“Eu fui espancado. Estou ligando agora mesmo para meu advogado. Qual o seu nome?” perguntou James revoltado.

“Vou chamar o tenente.”

“Você faça isso mesmo.”

O médico sai da sala e rapidamente James tira uma fotografia aérea da base onde está e marca com uma caneta onde ele pode estar. Burtows tenta ignorar a dor ardida por seu corpo, pegando suas coisas e saindo pela outra porta em uma corrida contida.

Em frente ao pavilhão dezessete, James tira uma foto com seu celular. Perto dali, mais para a esquerda, dois homens parados fazem vigia. Burtows corre de seu prédio até o pavilhão, e consegue não ser visto. Ele abre a porta e entra. As paredes são brancas e muitas outras portas fechadas pelo corredor. James nota um balde no chão, com marcas recentes de água por ali.

A porta abre e um faxineiro de cabeça raspada entra.

“Hey...” diz o soldado atônito.

James pula para perto dele e segura sua boca.

“Quieto pelo amor de deus.” pede o repórter.

O soldado protesta e tenta se desvencilhar.

“Eu só quero tirar uma foto. Você pode se dar bem nessa cara, e eu saio daqui em dois minutos. Quinhentas pratas do meu bolso para o seu, sem impostos.”

O homem parou imediatamente.

James pegou sua carteira com a outra mão e entregou o dinheiro para o soldado, retirando a outra mão de sua boca.

“Tire sua foto dos loucos e caia fora.”

“Loucos?” sussurrou James.

Com celular em mãos, James acompanhou o soldado enquanto ele tira um molho de chaves de seu bolso e vai tentando chave por chave.

“Ande com isso!” sibilou o repórter.

“Aqui, achei. Seja rápido.”

E a porta foi aberta.

*Havia uma persiana logo depois da porta naquela cela, algo totalmente diferente do que James esperava. Depois de um tempo de hesitação de Burtows, o soldado lhe tocou no ombro e lhe indicou a cordinha. James prontamente puxou-a e seu almoço veio imediatamente para fora sujando o vidro que separava eles da coisa. Lá dentro, entre paredes de concreto e um chão sujo cinza estava vovô, menos a sua perna. O velho estava encostado na parede, com o rosto virado para James. No lugar do olho esquerdo havia uma linha de cicatriz indicando que fora fechado cirurgicamente. Por todo o corpo haviam hematomas, enquanto feridas novas e antigas co-habitavam por todos os lados. Mesmo de relance, seu olho clínico de fotógrafo registrou todas as unhas dos pés e das mãos quebradas e pretas.*

Por todas as paredes daquela cela haviam pequenas marcas que sugeriam sangue seco. Sua roupa cinza, que mal tapava sua genitália, estava rasgada e um prato de comida estava virado em seus pés. Vovô parecia dormir em meio às moscas e seu almoço, de olho entreaberto. Burtows não sabia o que dizer. Sua garganta doeu, e ele se apoiou no outro soldado que reclamou que teria de limpar aquela merda.

“Puta que pariu..”

“Olha, não vou devolver a grana.” disse o soldado.

“Pode ficar, não é minha mesmo.”

Um *click* audível fez os dois afundarem suas cabeças em seus ombros. Rápido como um reflexo, o soldado rende James na parede, pegando seu braço e colocando nas costas, sem nenhuma reclamação do repórter.

“Poupe o *show* e comece a limpar a sujeira, soldado.” disse Rivers com sua pistola bem à mostra.

O soldado tentou dizer algo, mas o tenente o cortou com um gesto de mão. Rivers intimidava James, que estava muito assustado com tudo aquilo.

“Você não foi o primeiro a querer saber.”

James limpou sua boca com o antebraço.

“Mas achar um familiar de um sobrevivente e conseguir a carta de reconhecimento do corpo foi uma proeza.”

O repórter limpou sua boca.

“Uma ligação para a irmã da *pobre senhora* doente foi o suficiente. Devia fechar melhor sua história, garoto.”

“Ela...” começou James.

“Cale-se.” cortou o tenente. “Normalmente a foto sempre basta, um pouco de choro e era isso. Mas você...”

“Vocês não sabem quem ele é?” disse James revoltado.

“Não... ” foi a resposta hesitante de Daniel.

“E os dentes..?” continuou James.

“Se você achar um que preste. Olhe garoto, isso aqui não era para você ver. Agora temos um *grande* problema.”

*Hora de mostrar as cartas*, pensou o rapaz tirando a foto de sua jaqueta.

“Você é que tem o problema. Isto aqui foi entregue ao meu editor ontem.” falou James com segurança.

O tenente pegou a foto e viu o cenário. Olhou o garoto de novo por um tempo e devolveu.

“Fotos não dizem nada hoje em dia.”

“Admita. Você está ferrado.”

O tenente avançou em James e o empurrou contra a parede, levantando o rapaz uns dez centímetros do chão pelo pescoço.

“Pessoas sendo mortas na rua...” começou James quase não conseguindo falar.

“Nunca mais vai acontecer.”

“Como vocês podem fazer isso?”

“Acredite. Eu sei. Não vai acontecer de novo.”

Os dois se confrontaram por um tempo.

“Você tá... fodido!” disse James rindo sem parar.

“Cale a boca, pirralho. Enquanto aquele Geiger na parede marcar verde, ninguém esta em perig...”

James foi parando sua risada, mantendo um olhar estranho para o outro lado da sala. Daniel acompanhou o olhar e com um susto repentino soltou o rapaz. Haviam mais duas barras amarelas, além das três verdes.

Rivers bruscamente retirou o equipamento da parede, e passou sobre o rosto de James. Mais uma barra amarela e duas vermelhas surgiram junto com um aviso sonoro. O faxineiro caminha para trás até encontrar a parede, se defendo instintivamente com a vassoura apertada em seu peito.

Burtows fechou seus olhos e sua mente vagou pelo tempo imediatamente, como se finalmente tudo fizesse sentido. Ele lutou, mas por fim suas memórias venceram, como destampar a banheira e a água descer pelo ralo.

“Eu... Eu... Eu...” foi só o que pode dizer, se encolhendo ao chão, perdendo as forças em suas pernas.

*Do outro lado do vidro, vovô, com seu nariz quebrado e rosto quase cinza de tanta sujeira, abre seu único olho vermelho. Existe algo ali, primitivo e impassível.*

*Uma fúria sem fim.*

\*\*

Depois de dois anos juntando material de pesquisa para o jornal local da universidade, James decidira que tirar fotos de velhos excêntricos que preferiram doar a maior parte de suas fortunas em novas seções para o *campus* que ver seus filhos e netos torrarem seu dinheiro simplesmente não dava mais. Foi então que conheceu o tablóide *Inside View*, e admitido como repórter, jornalista e fotógrafo (um *freak papparazzi* como ele se gabava), James pode finalmente pagar seu aluguel. Três anos depois, e muitas histórias *maneiras* para ele e seus leitores, Burtows estava atravessando a cidade para entrevistar um homem que dizia ter vindo do futuro. Era o terceiro naquele ano, mas *nunca se sabe* era a primeira frase em letras gigantes no mural do escritório, logo acima de *Acreditamos no pé grande!* ou da sempre popular *Se não lembro, não fiz.*

Era uma terça-feira, e James estava atrasado como sempre. O rádio cortou a música e uma pessoa nervosa anunciou: “*...descobertos mais de oitenta corpos mutilados dentro de um porão em Castle Rock. Escute toda esta noticia estarrecedora logo mais no noticiário das...”*

Burtows desligou o rádio na mesma hora.

“Por que essas merdas não acontecem por aqui?”

Na rua onde estava, havia uma placa indicando *Rotterdam Avenue* e James dobrou seu carro. Ao ver carros de polícia o ultrapassando e um outro voltando, Burtows imediatamente voltou-se para o banco de trás, e depois de tirar uma pasta de papéis de seu caminho, puxou sua câmera NIKON pela fivela. Ao voltar seus olhos para frente, num movimento de cabeça de seu ombro direito até o volante do carro, Burtows viu de relance o que lhe pareceu como uma escola por cima de um muro amarelo com uma grade por cima onde algumas crianças jogavam basquete; mas quando seus olhos alcançaram a rua, James viu que estava em colisão com outro carro que agora estava parando bruscamente para não bater em dois pedestres que estavam em uma briga de rua.

Com reflexo rápido, James tirou seu Honda para a esquerda, mas para seu horror uma ambulância vinha rápido pela outra via. O rapaz pode ver o médico ao lado do motorista levar suas mãos a cabeça, e naquele mesmo segundo um grito saiu de sua garganta.

A batida foi ouvida a muito longe dali, um longo som de metal contra metal, vidro e plástico em um abraço terrível.

James em grande reflexo inclinou seu torso para a direita protegendo-se com as mãos enquanto o vidro se partia. Alguns meninos que estavam jogando basquete na escola pararam o jogo e se amontoaram na cerca. As rodas da ambulância subiram e giraram no ar levantando o grande carro mais de meio metro do chão. A ambulância escorregou pelo asfalto por mais de dez metros enquanto o Honda de James tornou-se uma massa de metal amassado com ele dentro. O repórter perdeu sua consciência assim que o barulho do acidente parou de ecoar ao redor.

Logo ao lado, a briga entre os adolescentes não tinha hora para parar. As crianças na grade olhavam para aquela cena totalmente hipnotizadas. A bola de basquete cai da mão de um menino e rolou livre em direção ao meio da quadra.

*Se houve algum evento naquele dia que simbolizasse o inicio de tudo, seria o grande acidente em frente à escola elementar de Rotterdam. Em qualquer outra terça-feira, James seria retirado do que restara de seu veículo e acordado dentro de outra ambulância ou mesmo no hospital. Mas isso nunca aconteceu. Burtows permaneceu inconsciente e talvez por isso tenha sobrevivido.*

*Um longo tempo se passou.*

*Um tempo onde as coisas mudaram.*

Antes de abrir seus olhos e ver que estava preso em uma quase armadilha de metal, James levou muito tempo para entender onde estava. Os sons foram os primeiros a invadirem sua cabeça. Mesmo abafado pelo lugar apertado, ele ouvia muitos passos de pessoas correndo e coisas sendo quebradas. Ao fundo, o crepitar de fogo, com grandes e pequenos estalidos vindo de muitos lugares. Logo ele sentiu por todo o lado um cheiro de queimado. Foi então que se lembrou do acidente, de ser jogado para o lado e para frente e do médico rolando em sua frente ao mesmo tempo fazendo uma pintura abstrata pela cabine com o sangue de seu rosto. Com um pequeno movimento em seu quadril sentiu cacos de vidro roçarem em uma dor repentina e aguda.

*Estou preso!*

Manteve seus olhos fechados. Mexeu os dedos dos pés e das mãos; não estava paralítico. Levou sua mão ao meio de suas pernas e aferiu que as três coisas estavam nos seus devidos lugares e operacionais. Arriscou abrir os olhos e como em um novo nascimento, e a claridade ardeu. Viu sua câmera na sua frente e a colocou no bolso da calça que estava mais perto com algum sofrimento. Por frestas do resto do carro amassado, via vultos se deslocando rápido junto a muitos gritos. Começou a contar e então notou que aquilo parecia como uma revolta popular. Sua garganta foi mais rápida que qualquer pensamento refletido e um som de primitivo como em um *me ajudem, por favor,* escapou e adicionou-se a cacofonia louca de barulhos, gritos e confusão fora dali.

Pela fresta, James viu alguns vultos pararem.

E então ele sentiu uma dor aguda de novo no quadril. O resto de seu carro era agora chacoalhado, chutado e arremetido com paus e pedras com vigor. Sua respiração parou por um instante quando dedos roçaram por seus ombros, cravando-lhe unhas fortes e decididas. James sentiu um outro odor característico que ele não quis registrar a todo custo em sua mente.

*Estou sangrando? Oh, não!*

As mãos investiram de novo. James começou a gritar e a dor aguda pronunciou-se e cessou. Um pequeno talho abriu em seu quadril e ele agora sentiu novos dedos roçarem por todas as partes de seu rosto, entre o nariz e sua boca.

“Parem com isso, me larguem.. ME LARGUEM!”

O carro virou enfim de banda e Burtows foi arrastado para fora da armadilha de metal. Seus olhos puderam contemplar o que a TV mostrava das zonas de conflito em algum lugar do oriente médio, mas ele não pode pensar por muito tempo. O vulto sujo dos pés a cabeça começou a lhe esmurrar silenciosamente em uma ordem aleatória em seu rosto, pescoço e peito. Suas mãos tentavam barrar o que ele viu com mais detalhes agora ser um sujeito de terno rasgado e com dentes cerrados à mostra.

*Mas isto acontecia meramente no plano físico. James sentia-se em dois lugares. Não tinha como descrever a situação de outra maneira nos últimos instantes de completa lucidez. Ondas de memórias e situações vinham incessantemente, coisas de sua infância e da semana passada, retrasada e assim por diante, como se duas mãos pegavam tudo o que dera errado e juntava para ele ver.*

*Enquanto era espancado por fora, por dentro as coisas começavam a mudar, suas memórias iam ficando diferentes, com outras pessoas desconhecidas lhe infligindo sermões, gritos, empurrões. James Burtows era espancado em sua mente milhares de vezes por todos os seus anos de memórias.*

*E então aquelas duas mãos agora partiam para um outro lugar mais escondido dentro de si e James partiu da negação para o confronto. Começou a gritar e confrontar todos os que estavam a lhe intimidar.*

Seu corpo físico começou o reflexo de sua mente e ele começou a lutar contra o outro homem de terno que lhe atacava. Seus olhos doíam e ele gritava um guincho com sua garganta em brasa. Em sua mente, ele era agora uma força incontrolável contra tudo o que estava seu caminho. Naquele mesmo instante, James recebeu uma pedrada na cabeça e caiu ao chão inconsciente mais uma vez.

As duas mãos desapareceram de sua mente junto com todas as outras pessoas desconhecidas.

Seus olhos fecharam por completo enquanto o homem de terno seguiu correndo pela rua como se nada houvesse acontecido.

*\*\**

James acordou de novo ao som de tiros e um tapa não tão forte, mas incisivo em seu rosto.

“Temos um vivo aqui!” gritou um soldado.

Burtows abriu seus olhos e viu um rosto grande em sua cara olhando-lhe as pupilas.

Um tiro foi disparado ali perto.

“Acorde garoto!” disse o homem muito preocupado. Seus olhos passavam desconfiados por todo o rosto de James.

“Como estão os vitais?” perguntou uma outra voz ao lado.

“Ele está bem!” afirmou o soldado.

James virou um pouco sua cabeça. Soldados portando armas pesadas estavam a sua volta. Uma maca estava ali perto.

“Raposa dois informando um sobrevivente.” disse o soldado enquanto James acostumava-se com a situação novamente. Tocou seu rosto e desceu por sua barriga que doía. Outro tiro foi disparado, junto com o barulho de cartucho vazio caindo na calçada. O estouro fez com que James colocasse sua mão no bolso e encontrar sua máquina fotográfica. No mesmo instante, lembrou-se quem ele era e o que pagava seu aluguel.

Outros dois soldados o agarraram e o botaram na maca. James arrumou-se e com sua mão direita tirou uma, duas fotos e quando a maca subiu meio metro tirou sua última foto no mesmo instante em que o soldado a sua frente disparava contra um vulto que se aproximava.

Foi então que tudo começou de novo, mas desta vez o corpo de James começou uma série de convulsões.

“Dê o remédio a ele!” ordenou o soldado.

Uma agulhada rápida acertou-lhe no braço e James foi de volta para a escuridão pela terceira e última vez naquele dia.

Desta vez quando James acordou, ele ficou a ouvir o que estava acontecendo. Havia muita conversa gritada entre soldados e ordens sendo ditas. Um cheiro ocre de queimado dominava o ar. Ao seu lado, havia outro jovem que deveria estar morto, pois a sua mandíbula estava faltando no meio de uma piscina de sangue em seu peito. *Isso explica esse maldito cheiro* foi o que James pensou. Estava em uma ambulância, e a porta estava semi-aberta. Sacos de areia estavam ali por perto.

Uma voz gritou forte perto dali.

“Todos os blocos vão entrar em quarentena! Vinte minutos!”

James segurou a respiração: hora de correr.

“Temos mais sobreviventes.” foi o que ouviu no meio de tiros, barulhos de motores de carro ligados e de fogo. Rapidamente o ruído de pessoas correndo até a frente dos sacos de areia fez James se apressar. No mesmo tempo em que todos recebiam os sobreviventes que estavam desacordados, o repórter escapou dali enquanto o motorista da ambulância ajudava os soldados.

[3]

RIVERS

A quatro metros da ambulância, passando por dois carros grandes de transporte de tropa, o tenente Daniel Rivers está ao telefone aguardando uma resposta em meio a uma barricada de areia. Em pouco tempo os olhos de Rivers encontram o major, que está muito agitado ao celular e vem caminhando de encontro a ele. Os soldados no caminho batem continência e continuam o que estão fazendo: colocando sacos de areia ou dando remédio para as pessoas continuarem desacordadas.

“Major.” saudou Rivers ao oficial.

“Tenente. Temos reforço chegando?”

“Sim. Pouco tempo agora.”

“Isto é a *porra* de um pesadelo.”

Os dois olharam toda a operação em silêncio por um longo período. Soldados traziam macas e sobreviventes pela esquerda, enquanto alguns atiradores de elite disparavam contra a rua, acertando alguns loucos que vinham correndo contra o quartel improvisado. O major coçou seu queixo e se aproximou tirando um rádio de seu bolso.

“Tenho uma missão não oficial. Você a aceita?”

“Imediatamente senhor.”

O major puxou sua carteira e tirou uma foto de lá.

A foto de Isabel passou para as mãos do tenente.

“Você a encontrará na escola pública, doze quadras daqui. Pegue dois homens e parta agora. Sem perguntas.”

Daniel pegou seu rifle que estava perto e tocou no ombro de dois de seus ajudantes que estavam aplicando doses nos sobreviventes deitados no chão.

“Nós vamos de novo.” disse Daniel.

Antes de cruzar a barricada, Rivers voltou seu rosto ao major que lhe prontamente respondeu baixinho: *Traga minha sobrinha com vida.*

Após uma breve pausa ele discou um número no celular e aguardou ansiosamente pela caixa postal.

“Isabel, aqui é Edward. Fique onde você está minha filha. Ajuda está a caminho. Não saia de onde você está!”

Edward Richarlier acompanhou o tenente cruzar a rua e dobrar a primeira esquina seguido pelo seus dois homens.

Um grande ônibus branco chegou ao local.

A quarentena veio antes que o previsto.

Correndo para dentro da "área de contágio" como eles chamavam a área de fora da barricada, os dois soldados sussurravam enquanto pulavam por detritos e desviavam de carros queimados e lixo espalhado pela calçada.

“Todos dizem que é vírus, mas eu não aceito isso.”

“Quem é você pra saber alguma coisa, seu merda?”

“Troy mediu os pulsos dos loucos. Sempre acima de cento e quarenta. Severa adrenalina *horas* depois de serem resgatados.”

“O enfermeiro disse que nunca viu loucos tão quietos e tão ferozes.”

Gabriel cuspiu no chão quando eles pararam. Estava de costas para Nathan que cobria o outro lado. Daniel estava na sua frente conferindo um mapa da cidade. Gabriel olhou pelas casas onde havia fumaça por todas as janelas.

“Todo o bairro em fogo, cara. O mais estranho é que antes de chegarmos não tinha nenhum bombeiro. As pessoas ficaram trancadas enquanto o fogo se alastrava.”

Nathan sentiu sua boca seca e desejou estar em casa com seus filhos. Nunca quis tanto voltar a sua rotina de lavar a louça e se preocupar se tinha ou não perdido algum filme no cinema ou não se esquecer de uma data importante para sua mulher.

Sua reação não podia ser diferente.

“Todos já voltaram. Vamos embora daqui!”

“Faça o trabalho cara. Em duas horas tudo vai acabar de qualquer jeito. Estamos em quarentena.”

Os dois soldados então ficaram quietos.

As ruas continuaram desertas.

Rivers estava quatro metros na frente deles e evidentemente não sabia mais onde estava. O mapa em sua frente estava em uma escala muito alta, com alguns poucos pontos de referencia. Aqueles condomínios eram todos iguais e as casinhas só mudavam suas cores.

“Reportem.” pediu Rivers de qualquer jeito.

“Tudo certo, tenente.” disse Gabe rapidamente.

Mas Nathan não sabia o que dizer, pois pela retaguarda, uma pequena gangue se aproxima vindo de uma rua paralela.

“Nate.” pediu Rivers impaciente.

“O-Oito loucos. V-vindo devagar.”

Todos eles se viram para onde Nathan estava olhando e então os loucos começam uma corrida. Alguns deles tinham pedaços de paus e algumas pedras foram atiradas. Daniel, Gabriel e Nathan juntaram-se em pavor um tanto desastrados, receberam as pedradas em seus peitos e nos braços; automaticamente miraram suas armas para frente, ainda sem alvos em particular. O mapa caiu da mão de Daniel ao chão dando lugar a um revolver que precisou ser segurado com ambas as mãos que insistiam em tremer.

Os loucos continuaram a corrida indiferentemente.

“Isto é real!”gritou Gabe.

O primeiro tiro, vindo da pistola de Rivers faz a orelha de um deles tornar-se uma fumaça vermelha naquele fim de tarde junto com um pequeno e grave urro de dor.

Os loucos mantiveram sua corrida.

Por fim, o treinamento militar assumiu o controle e os soldados dispararam pequenas seqüência de três tiros. Braços e pernas foram cortados, poças de sangue se acumularam no asfalto. Conforme os loucos da frente caem, os outros saem em retirada para as ruas perpendiculares de onde vieram.

Tudo acabou em poucos segundos.

De novo veio o silencio das ruas, junto com outros cinco corpos deitados no chão.

Nathan, que fechou seus olhos quando comprimiu seu dedo no rifle, foi o primeiro a falar depois de algum tempo onde o pequeno time de resgate mal ousava respirar.

“Acho que v-vi alguma coisa... diferente.”

Gabriel deu o primeiro passo hesitante.

“Sejamos... r-rápidos.” disse Rivers apertando fortemente com seus dedos o rádio dentro do bolso de sua calça.

Os dois soldados foram até os corpos enquanto as casas ao redor continuavam a arder em fogo indiferentemente. Caminharam menos de cinqüenta metros, mas o cheiro se notava em vinte. Ao chegar ao primeiro corpo, com a ponta do rifle, Gabriel verificou se o mesmo estava morto de verdade. Pela quantidade de hematomas ele sentiu-se enojado e cuspiu no chão.

“Estão infectados a *muito* tempo.”

Nathan olhou mais de perto e levantou-se rápido.

“Isto.. parece com o vídeo que eu vi na marinha, sobre... submarinos nucleares e ...”

“Contaminação?” perguntou Rivers.

Nathan ajoelhou-se e olhou bem a carranca de um corpo estendido que recebera dois tiros no peito.

Um silêncio repentino e eles se entreolharam.

“Parem com essa merda!” disse Daniel.

Nathan pareceu extremamente perturbado.

“Eu não estou infectado. Por deus, não. Olhe meus olhos, tenente.”

“Está tudo bem, seu merdinha. Vamos indo soldado.”

“Preciso de água. Me passe o cantil.” pediu Gabe.

Nathan passou o único cantil que eles tinham.

Gabe bebe rápido dois goles.

“Isto aqui é um calor dos infernos.”

Houve um pequeno instante de decisão, e então Gabe tira o suor da testa e remove seu capacete.

Nathan e Daniel conferem o mapa que está em suas mãos. O soldado se vira e Gabe já está com as suas mãos no pescoço de Nathan, com o rosto impassível e fechado, com a boca apertada na forma de um risco. Logo Nathan se desvencilha, mas Gabe lhe aplica uma chave de braço. Rivers dá dois passos para trás atônito. O silencio continua na rua enquanto Daniel respira como se estivesse numa câmara de gás incrédulo. Nathan continua a debater-se e seus olhos finalmente encontram Rivers.

O mapa cai mais uma vez no chão.

A arma surge rápida em reflexo, mas Rivers continua sua respiração forçada em meios aos soluços e gemidos do soldado. Rivers olha para Gabe. Cinco anos trabalhando juntos e ele nunca vira tal expressão louca em sua face. Aquele não é Gabe, diz uma voz alienígena em sua cabeça. Rapidamente Rivers coloca a arma na testa de Gabriel, mas ele não demonstra nem entendimento ou temor por este fato.

“Você esta infectado.”, diz Rivers devagar como em um sonho enquanto Nathan vai perdendo os sentidos e fechando seus olhos, junto com os espasmos em suas mãos.

Um tiro ecoa na rua, Gabe se desloca meio metro e cai morto no chão. Eles olham o furo no meio da testa de seu companheiro e o capacete largado no chão ao lado. A compreensão vem imediatamente com um reflexo de suas mãos em suas cabeças, segurando seus capacetes com força e arrumando o prendedor no queixo corretamente.

Eles prosseguiram com suas armas em punho e, por um longo tempo, nenhum dos dois conseguiu dizer qualquer coisa.

[4]

O ADVERSÁRIO

No momento em que Eddie Smith deu um empurrão desastrado em sua velha esposa por causa de uma discussão que ele nunca mais conseguiria lembrar-se (talvez pelo choque de ver sua esposa cair quatro andares pelo vão central do velho prédio) ele soube que nunca mais seria o mesmo. Depois do julgamento, os anos se passaram rápido e os tiras o deixaram voltar para casa por bom comportamento. Continuou ganhando sua aposentadoria e as pessoas do prédio o receberam com certa apreensão, mesmo sabendo que tudo fora ‘um trágico acidente’. Em troca, decidiu dedicar seu tempo às tarefas de zeladoria de graça.

Mesmo depois de oito anos na prisão e algum tempo em uma clínica psiquiátrica, pois apresentara tendências suicidas, Eddie ficou certo de que todos estes anos passaram rápido por que sua mente não conseguiu lidar com o que aconteceu, sempre lendo livros sem parar e dormindo mais de doze horas por dia.

Algo mudou quando voltou para casa.

Quando vai dormir neste novo apartamento, Eddie sonha que está em sua cama enquanto ouve passos na escada e imagina se não é o Diabo que vêm rastejando degrau por degrau para fazê-lo pagar pelo que fez. Sua imaginação corre louca por algo semelhante a uma múmia sem os olhos, mas com os mesmo cabelos de sua mulher, volumosos e grisalhos. Nesta hora, Eddie sempre abre seus olhos e olha para o teto amarelo e mofado de seu antigo quarto no último andar antes de matar sua mulher. Ele se senta na cama e então ouve o barulho de pés molhados no corredor e o roçar de dedos na madeira da porta.

Neste ponto ele sempre se levanta.

“Estamos esperando por você, Eddie.” gorgoleja a múmia.

“Não seja um mau menino.” diz sua mulher logo depois como uma sombra.

Ao descer da cama, Eddie se vê no espelho vertical do móvel ao lado ainda com seu pijama de prisioneiro. Ouve uma batida de punho na porta e por mais que não queira se aproximar da entrada ele é impelido até lá, passo a passo. Unhas vão descendo e arranhando a madeira até o vão debaixo da porta.

Cada segundo ele espera acordar, mas isso nunca acontece. Ele tenta não se agachar, mas sempre o faz. Eddie Smith também não consegue evitar o ato de esticar sua mão, tal como o fez antes de Janet cair pelo vão da escada abaixo. Neste momento ouve uma pequena risada de mulher e então unhas vermelhas roídas em dedos esqueléticos brancos aparecem por baixo da porta tentando lhe alcançar.

“Segure minha mão, Eddie.” pede sua esposa.

Smith acorda gritando com as mãos em seu pescoço, seus dedos gelados e molhados de suor.

“O que está feito, está feito.” repetiu Eddie até se acalmar.

\*\*\*

Era uma terça-feira.

Depois de tomar seu banho, o velho zelador fritou seus ovos como sempre fazia de manhã. Após comer com vontade ele decidiu fritar um bife já que estava disposto. Não gostava muito de sua comida, mas *a gente se acostuma* era sua frase de auto ajuda mais repetida nos últimos tempos.

De seu apartamento no primeiro andar podia ver que seria um dia quente. Na sua camisa branca, a parte de baixo das axilas já estava molhada em volta da eterna parte amarelada, mas isso não importava. Aliás, pouca coisa importava; o que gostava era de fazer sua comida, bem frita e com bastante chocolate depois. O velho, que ganhara uns vinte anos só em seu rosto depois da prisão, pegou sua vassoura lentamente e com muito cansaço.

Smith respirou fundo e abriu sua porta no primeiro andar, trombando com uma mulher loira e magra que saía desesperada, chorando às golfadas.

O zelador viu a mulher entrar em seu carro, e em duas manobras rápidas sair correndo do condomínio, batendo contra um vaso pequeno de decoração.

“Pobre Susan.” disse Eddie com sinceridade. Mas quando o carro virava na curva, Eddie já a esquecera. Foi até a casinha de ferramentas e tirou um cortador de grama desejando um pouco mais de chocolate logo em seguida.

“Eddie, venha aqui.” falou um senhor em seu terno na porta de entrada do condomínio.

Smith parou de aparar a grama que já estava quase pronta e limpou o suor de seu rosto com o braço.

“Antes de sair de casa ouvi a nova inquilina do 405 dizer que está com problemas com sua água.”

“O registro fica bem escondido atrás na pia.”

“Pois é. Deus, hoje vai ser um dia quente. O vejo depois, Sr. Smith.”

Eddie esperou o homem entrar no carro e sair. Largou a tesoura de grama no chão. Queria ele fugir dali, mas não tinha mais ninguém depois que sua irmã morrera de câncer enquanto ele ainda estava na cadeia. *Sempre a merda do câncer*, pensou. Ao entrar no prédio, a diferença de luz o fez forçar os olhos. Tudo continuava lá: as caixas de correspondência, sua cadeira e a TV pequena passando as telenovelas de tarde e o grande vão no meio onde sua mulher caíra.

*“Sr. Smith?”* veio uma voz lá de cima.

“Já estou subindo.” respondeu o velho.

“Oh, muito obrigado. Preciso tomar banho e está droga não está funcionando.”

Eddie foi subindo os degraus, olhando para o chão onde imaginava os riscos de giz representando onde ficara o corpo de sua mulher. Por fim, o hábito lhe tomava conta e a pequena alucinação diária sumia.

“Um dia ainda vou me mudar.” disse com raiva.

Com suas mãos apertando os joelhos, Smith continuou a subir pela escada. Já tinha marcado uma consulta com o doutor Andrews, mas tinha medo que alguém lhe contasse que teria de parar de trabalhar, pois era a única coisa que afastava suas lembranças.

O velho levantou sua cabeça e falou alto no vão das escadas.

“Esse problema de água é antigo. Fácil de resolver.”

O zelador subiu outros degraus e sentiu uma tontura súbita. Sentiu o bife que comera protestar em sua barriga e pensou na estupidez que fizera esta manhã; já não era mais um garoto com sua sacola de doces.

“Venha Eddie, estamos esperando por você.”disse a múmia.

Eddie parou e teve de se segurar na parede.

“O que você disse senhorita?”

“Se o senhor aceita um refresco.”

Smith continuou a subir a escada até chegar ao terceiro andar. Não estava gostando em nada daquilo tudo e sentiu o ímpeto de voltar para seu apartamento, mas resolveu continuar conversando. Estava senil, e isso agora lhe era uma certeza, mas a gente se acostuma.

“Um copo seria bom. Com certeza está ótimo hoje para um longo banho.” continuou o zelador a conversar piscando nervosamente. Depois de uma parada para respirar, Eddie retomou seu passo, mas quando tocou no chão ouviu seus pés fazerem um barulho de água. Abaixou sua cabeça e viu que o chão por ali estava cheio de poças de água.

“*Oh Deus.*” disse Smith caminhando cada vez mais lentamente enquanto água saia de seus pés, como se ele tivesse saído de uma piscina.

“Está tudo bem ai embaixo?” disse a mulher.

“Não me deixe esperando, Eddie.” disse a múmia.

“Oh Deus. Deixe a moça, por favor!” pediu Smith.

“Você foi um mau menino, Eddie. Nós vamos pegar sua vadia!” veio a voz alienígena da múmia lá de baixo, com um som abafado, provavelmente com sua boca pútrida encostada atrás de sua porta.

O zelador apertou o passo, deixando poças de água onde pisava. Seu coração estava à beira de um ataque e sua cabeça doía, como se uma agulha estivesse sendo enfiada no topo de sua cabeça. Smith subiu o último lance de escada até o último andar.

De cabeça baixa, falou tremendo de cima a baixo, chorando e soluçando como uma criança que descobrira seu *hamster* morto dentro do pote de comida.

“Não.. ouse... machucar... a moça!”

“Levante a cabeça, Eddie. Não me reconhece mais?”

Pouco a pouco o pescoço de Eddie cedeu, tal como uma força impossível de resistir. Lá estava Janet, sua esposa, e ela estava bem. Smith aproximou-se com os olhos vermelhos.

“Janie? Você está bem?”

“Do que você está falando senhor?” perguntou a mulher.

“Mas... Janie, você caiu... quatro andares lá em baixo!”

“Não se aproxime! Eu chamo a polícia!”

*O cabelo de Janet começou a cair, a pele a ressecar e os olhos murcharam das órbitas como duas ameixas secas. Os dedos foram ficando descarnados e vermes escorriam de dentro e pulavam de sua boca. Smith sentiu uma fúria tão descontrolada que partiu para cima do Diabo que lhe atormentava as noites e lhe roubava a paz. A agulhada na cabeça agora doía atrás de seus olhos e um grito rompeu de sua garganta. Smith pegou o monstro pelo pescoço e lhe deu uma boa bofetada. O resto do nariz caiu ao chão junto com a água que não parava de sair de seus pés. Eddie levantou a coisa, que exibia um sorriso sinistro.*

Sem qualquer hesitação, Eddie jogou o Diabo escada abaixo, rolando e quebrando seus ossos. E então a dor nos olhos e cabeça passou. Seus pés não estavam mais molhados e tudo estava seco ao seu redor junto com a quentura daquela manhã. Havia algo vermelho e quente em sua mão e ele ouvia pequenos gemidos vindo da escada.

Smith caminhou sentindo suas pernas cheias de chumbo até a borda da escada e lá estava uma moça de vestido azul com o pescoço quebrado engasgando-se em seu próprio sangue. O zelador estremeceu com aquela visão, enquanto ouvia nítidas risadas de criança.

Eddie virou sua cabeça e vislumbrou a porta de seu antigo apartamento. As risadas aumentaram através dela e ele levou sua mão esquerda ao pescoço instintivamente. Em desenfreada corrida desceu a escada passando direto pela mulher em seus últimos instantes de vida. Eddie entrou em seu apartamento, jogou suas roupas em uma mala e saiu do prédio pisoteando o jardim que cultivara nos últimos dois anos. Ao passar correndo por ali, Eddie pisoteou uma parte do jardim, e um girassol ficou quebrado e pendurado.

*A polícia encontrou um homem sem documentos afogado semanas depois em uma banheira de hotel no outro lado da cidade, com ambas as mãos fechadas em seu pescoço.*

\*\*

Susan Buckowitz estava tranqüila e de cabeça baixa olhando para suas mãos. Definitivamente naquele local ela se sentia melhor. Seria a poltrona, ou a voz macia do psicólogo? Não importava. Era como sair de um lugar fechado cheio de fumaça para ao ar livre. Aquele pensamento lhe deixou suspeita de que algo estava efetivamente acontecendo, mas a voz continuou o que estava dizendo, e ela voltou sua atenção ao homem em sua frente, mantendo o olhar em suas mãos.

“Os remédios deveriam ajudar, Susan.”

O psicólogo esperou uma resposta.

“Eu tomo as pílulas direitinho. A vermelha e amarela. As vezes funciona e eu durmo melhor.”

“Sei. Mas seu humor, como fica?”

“Oscila muito. Acho que sou uma péssima mãe.”

Susan tocou com calma e com todo o tempo do mundo o sofá de couro. Deslizou seus dedos por entre os botões dourados de metal. Aquilo era bom, poderia ficar horas ali ouvindo aquele homem falar e sentindo a textura do couro. Será que o animal que cedeu sua pele vivera o bastante? Será que ele nunca passara fome ou ficara dormindo na chuva? Com certeza ele corria no pasto, a relva passando por suas patas fortes e enlameadas, bebendo água direto do...

“Susan?” pediu atenção o psicólogo.

A mulher tremeu por todo o seu corpo. Treinara sua fala por todo o tempo no ônibus.

“Se eu pedir uma coisa a você, você a faria? *Por mim?*”

“Sim, querida.” disse o psicólogo um pouco aflito.

“Eu... quero... *desistir*.” veio a resposta junto com um rosto levantado com vergonha, inchado nas pálpebras com olheiras fundas e o cabelo seco misturado e enrolado com suor na testa.

“Susan. Eu sei que já passou um ano, mas algumas pessoas levam mais tempo para superar sua perda e seguir com suas vidas.”

“Eu... quero. Eu preciso disso!”

“Providenciarei sua internação, mas volte amanhã pela manhã. Enquanto isso, precisaremos chamar os serviços sociais para seu... ”

Susan teve um inicio de convulsão. O psicólogo levantou da cadeira e segurou a mão dela.

“Respire querida. Calma. Calma.”

Enquanto ela tentava respirar se engasgando e tentando abrir sua boca, Susan novamente achou aquilo estranhamente familiar, porém esqueceu mais uma vez. Vivia esquecendo de tudo, porém uma única coisa zumbia e não saía de sua cabeça: a voz de seu filho.

*Não esqueça meu presente, mamãe.*

*Você não me ama mais?*

Susan entrou em casa com uma grande sacola, após subir todos os quatro andares pela escada. Ela fechou a porta de costas para a sala e depois de virar a chave, voltou-se e encontrou seu filho parado em sua frente.

“Craig! Que susto você me deu!”

Apenas um meio sorriso no menino de nove anos, que avaliava o tamanho do pacote.

Susan deu um sorriso amarelo e triste.

“A mãe te trouxe um presente. Vou fazer um bolo para nós.”

Craig recebeu o presente e o carregou até a sala.

Susan coloca a chave junto no chaveiro onde guarda a correspondência. Seus pés estão inchados e doloridos, pois passou o dia tentando achar uma coisa que valesse a pena para Craig.

“Mãe!” veio a ordem da sala.

Susan sentiu um pesar nas pernas.

“Não foi isso que eu pedi!”

Susan sentou na primeira cadeira que achou.

“Querido, depois que o papai se foi tudo ficou um pouco mais difícil.” disse Susan já vertendo lágrimas pela lembrança do que já se fora. Seu queixo e mãos começaram a tremer.

“Mas não foi isso que eu pedi!”o menino guinchou.

“Eu.. Eu.. não temos dinheiro nem para a prestação, não faça isso comigo...”

Craig levanta-se e se aproxima.

Sua boca não mexeu, mas Susan o ouviu.

***Me dê o que eu quero, maldita!***

Susan começa um forte ataque psicótico. Ela joga seu corpo contra a parede, arrebenta a televisão, quebra os dois vasos que estavam na mesa posta para o almoço, e em seguida arranca um imenso tufo de seu próprio cabelo mostrando seus dentes de cima e de baixo para o garoto.

Susan para quando vê o sangue em sua mão, Craig não.

*O sol mudara repentinamente de posição. Era final de tarde agora. Susan olha para a esquerda e vê Craig na frente da porta do banheiro. Ela acha estranho, pois podia jurar que ele estava com ele na sala. Susan volta seus olhos para o apartamento vazio, cujas sombras fracas e indistintas lhe trazem frio. Ele caminha para dentro do banheiro e Susan o segue. Depois de dois passos, reconhece uma voz que fazia muito tempo que não ouvia. Susan alcança a porta e vê um pequeno sentado em um banquinho na frente da banheira onde está seu falecido marido Phil com olhos alucinados para o menino. Susan vê os dois conversarem, mas desta vez o som está abafado. Ela se aproxima de Phil para tocar em seu rosto, em uma alegria contida. O menino fala alguma coisa e Susan vira-se para ele. Nos olhos de Craig existe uma satisfação imensa. Susan volta seus olhos ao seu marido e existe uma faca com ele. Breve a banheira fica vermelha. Phil vira-se para ela e diz adeus em um sorriso triste, conformado.*

*A escuridão vem junto com o fechar dos olhos dele.*

Susan então vê Craig em sua frente, com a mesma cara de satisfação em seus olhos. A mulher começa a gritar e uma risada infantil a acompanha. Susan pega o último vaso intacto em sua frente e o arremessa certeiro na cabeça do garoto, que cai como uma pedra ao chão. Susan puxa o celular e liga para o consultório. Seus olhos buscam a cozinha, que dentro de uma caixa tem uma fita adesiva cinza. Ela olha para a cadeira e sabe o que fazer. Desta vez ela não iria esquecer. Nunca mais!

Susan sai de seu apartamento enlouquecidamente, e a nova inquilina ao seu lado, em um vestido azul, tenta cumprimentá-la sem sorte. Depois do primeiro lance de escadas, a mulher começa um pranto baixo enquanto luta contra a dor em seus pés. Ao chegar ao primeiro andar, ela tira os sapatos e os segura em uma só mão. Seu estomago contrai fortemente em fome, mas Susan o ignora.

*Poucos passos agora*, pensa ela.

Susan abre a porta de saída e o zelador está bloqueando a sua frente.

“Saia do caminho. Por favor. Preciso sair daqui!” gritou a mulher muito agitada.

Susan corre pelo jardim e entra em seu carro. O zelador a acompanha com os olhos enquanto Susan acelera seu carro pela rua. Conforme sua respiração vai diminuindo, Susan se sente melhor. Sua mente se sente melhor.

É como respirar ar puro de novo.

Ao chegar no centro, Susan estaciona seu carro e pega o ticket de validação. Não percebe que perdeu seus sapatos e nem que o sangramento em sua mão lhe manchou o vestido que está usando. Ela sai do prédio e espera com outras pessoas na faixa para atravessar ao outro lado da rua. Com um olhar rápido vê que o sinal de pedestre está vermelho. Seu celular toca e ela o busca furiosamente na bolsa.

O motorista de ônibus Samuel Mendez não gostava de estar atrasado, e o fato de isso estar acontecendo pela terceira vez no dia o deixava uma pilha de nervos. O sinal amarelo em cinqüenta metros não o fez parar, e sim pisar forte no acelerador.

Susan finalmente achou o celular e com uma olhada rápida para frente vê o sinal de pedestre verde. Seus pés naquele chão quente começam a arder e então ela inicia sua travessia. Um senhor quase a segura, mas Susan com o telefone na mão olha para cima, buscando o andar onde fica seu psicólogo. As mãos do senhor quase lhe pegam os cabelos em uma segunda investida. Em instantes de mover seu dedo e atender o celular, o ônibus a acerta em cheio, passando por cima de seu torso que rola duas vezes em uma morte instantânea. O senhor na calçada em frente bate com seu chapéu na cintura e não segura um choro incontrolável e imediato; esta seqüência de eventos tirará seu sono pelos últimos quatro anos de sua existência lutando contra o câncer de fígado. Samuel Mendez nunca mais irá dirigir outro carro novamente.

Preso a cadeira pelos pés e mãos com a fita adesiva cinza, Craig acorda. A dor em sua testa o faz lembrar imediatamente do acontecido. O garoto tenta se mexer, mas não consegue. Ele tenta localizar sua mãe (descobrira como fazer isso há muito tempo), mas ela aparentemente deixou de existir. Tal pensamento lhe deixou um pouco triste, pois estava ficando com fome. *E é claro, tinha esta merda de ficar amarrado na porcaria da cadeira.* Lutou com a fita mais uma vez. Sua mãe fizera o tema direitinho: três voltas. Mas ela estava morta, disso tinha certeza, por que a presença sumira do mesmo jeito que a de seu pai. *Aquele gordo chato e imbecil.* Um outro pensamento lhe veio junto com uma sensível ereção, mesmo para um menino que nem ele. *Vamos nos divertir a valer agora, esqueça essas merdas.* E então houve um deslocamento, e ele sentiu-se como estivesse em um pequeno terremoto, mas o quarto mantinha-se parado, o vidro em cima da mesa continuava suspenso. Algo dentro de si se despede, enquanto seu corpo sente uma vertigem final junto com um frio imenso. Ele ouve sua própria voz de uma forma adulta dizer as palavras em um tom de lamento e de perda.

*Lembrarei você com grande pesar, Craig.*

E então a sensação some como se nunca houvesse existido, dando lugar a uma outra, a de estar completamente sozinho no quarto. Depois de algum tempo, o garoto olha por todos os lados desconfiado.

No corredor, ele ouve a voz da nova inquilina pedindo ajuda ao zelador pela escada. Um sorriso de satisfação surge em Craig, pois agora ele pode se divertir.

Sem limites desta vez.

Algum tempo depois, o garoto começa a rir histericamente.

[5]

A INTERVENÇÃO

O homem de barba a fazer acordou em um susto. Sentou-se encostado à parede branca do quarto enquanto olhava para o espelho em sua frente desconfiado. Depois de alguns segundos olhando os arredores, entendeu imediatamente que algum tempo passara, mas não sabia como quantificar; era algo como deduzir uma complexa conta de bar de cabeça, com muitas pessoas e muitas garrafas depois. Voltou-se ao espelho e mexeu em seu cabelo espesso e duro que lhe pareceu estranho ao toque. Ao lado na cômoda estavam alguns cigarros deixados de forma casual com um isqueiro pequeno de prata por cima.

*Apaguei de novo* foi sua fala imediata e quase sussurrada entre seus lábios, mas era como um bombeiro descreveria um incêndio em frente a uma casa em cinzas. Ele não se sentia perdido, aquela era sua casa e disso ao menos tinha certeza, então aqueles deveriam ser os seus cigarros e quase que instantaneamente já tinha um pendurado em sua boca; deu uma mordida com gosto, alguns milhares de neurônios dispararam suas cargas elétricas conhecidas a mais de vinte anos e então o homem girou com seu dedão a parte de cima do isqueiro *zippo*. Ele ficou olhando a chama pelo espelho por um tempo. Uma memória lhe assombrou, tal como lera em algum livro de como os antigos faziam sua magias com velas no escuro a frente do reflexo para chamar seus demônios interiores. A sensação de fogo correu veloz em sua imaginação junto com o ribombar crescente de seu batimento cardíaco. Antes de sua primeira tragada

(*os perdidos! Eles não descansam NUNCA)*

sua visão falha, seu abdômen torna-se uma massa dura petrificada e o homem sofre uma violenta série de convulsões que o derrubam de sua cama. Por uma sorte ou intervenção do destino, a chama se apaga na queda e o quarto volta a sua escuridão.

O homem acorda mais uma vez, agora no chão, coçando sua testa em um movimento único de sua mão esquerda. Desta vez não se assusta, e vira lentamente seu pescoço enquanto um jovem o observa de braços cruzados perto da porta.

“Acho que podemos dispensar os paramédicos.”

Com algum esforço, o homem sentou-se.

“Talvez ainda seja tempo de chamar a polícia.”

O rapaz sorriu e colocou as mãos nos bolsos.

“Vinte e cinco paus não estragarão meu futuro brilhante de lavar pratos. Sua carteira está dentro da jaqueta junto com o resto de suas pílulas. Se quer mesmo se matar, aconselho o frasco inteiro.”

Depois de uma longa olhada no rapaz, desde seus tênis sujos e roupas simples, o homem sorriu.

“Você é o filho do zelador. Você cresceu.”

O homem desceu sua mão ao chão e pegou sua jaqueta. Sacudiu-a e ouviu o barulho do remédio. Apalpou a jaqueta e tirou sua carteira, abrindo-a ao meio e puxando sua carteira de motorista.

“Bill Copper...” leu o homem incrédulo na primeira linha.

“Você sempre têm esses ataques? Isso não pode ser bom.” disse o rapaz um pouco perturbado.

Bill apontou o dedo em ameaça.

“Fique longe da minha carteira, garoto.”

O rapaz fez uma careta de negação. Após um silêncio um tanto constrangedor, os dois trocaram olhares tempo suficiente para que o homem começasse a ouvir os barulhos da rua e pensar se hoje era uma segunda ou sábado. O mesmo olhar continuava no rapaz. Seu estômago protestou e Bill levantou as mãos como se desistisse.

“O que você quer? Está com fome? Eu certamente que estou. Onde se pode comer nesta hora da manhã?”

“Você mora aqui e não sabe?”

“*Hey*, eu sou o doente aqui.” Bill sacudiu o frasco.

O garoto não conteve um sorriso azedo.

“Tudo bem, mas tire essa barba da cara. Você parece estar em alguma lista de procurados.”

\*\*

O garçom entrega um prato grande de torta de maçã e um *milkshake* na mesa. Copper come um grande pedaço de sua torta enquanto o rapaz assiste a TV pendurada no teto sugando uma boa parte de seu sorvete. O calor era grande e o ventilador girava inutilmente devagar. Bill saciou a maior parte de sua fome rápido. Haviam outras pessoas ali perto, pais com seus filhos e algumas enfermeiras solteiras conversando alto sobre suas aventuras sexuais do último fim de semana.

O rapaz não tirava os olhos do televisor.

“Então, como vai a escola?”

O rosto do jovem vira-se com uma sorrateira olhadela de lado confirmando que a pergunta padrão estava demorando. Por fim, limpou sua boca e jogou o guardanapo na mesa.

“É uma droga. Posso ir embora agora, *papai*?” o rapaz fez menção de levantar-se.

“Isto é burrice. Pare com essa merda, moleque...”

O rapaz terminou seu *milkshake* com deboche. Copper balançou sua cabeça em descontentamento.

“Oh Sim, já tinha me esquecido. Você é o coitado do *meio* frasco de pílulas.” comentou o garoto olhando para todos os lados menos para Bill.

*“Cale a boca!”* gritou o homem.

As enfermeiras param de tagarelar. Somente o barulho da TV confronta o calor do lugar junto ao inútil ventilador.

Com o dedo em riste, o jovem conclui.

“Você e eu sabemos que não vou terminar o colégio. Não se faça de tonto ou que esqueceu.”

“Esqueci o quê?”

“Que você é um cú cheio de merda.”

Bill fica muito chateado e empurra o prato para a frente enquanto o garoto vai embora.

O garçom vem rápido na direção de Bill.

“Senhor, você poderia ficar calmo? Eu não me importo, mas está assustando as enfermeiras e elas são boa clientela.”

Bill olha para as moças e tira sua carteira, puxando uma nota de vinte. Na TV, a apresentadora do tempo confirma um dia ensolarado com máxima de trinta e oito graus.

“Desculpe, mas você precisa ir.” pede o garçom.

Bill abana para as moças, e paga o garçom. Enquanto Bill sai pela porta, as enfermeiras começam a rir. O garçom leva o prato de torta junto com um *milkshake* cheio para a cozinha.

\*\*

Depois de tentar sua chave em quase todos os carros do estacionamento, Bill Copper achou finalmente o seu.

“Camaro verde?”

Bill abriu o porta-luvas e achou vários recibos de pedágio. Alguns datavam do ano passado.

“Utah?” perguntou Bill a seus olhos no retrovisor.

Mais em baixo da papelada do porta-luvas havia uma pistola, mas Bill não se assustou com isso, e colocou o resto dos papéis em cima para esconder.

“Talvez eu seja procurado mesmo.”

Bill levantou seus olhos e viu o jovem o observando do segundo andar dos apartamentos.

“Filho da puta!” disse Bill abrindo a porta.

Copper saiu do carro e foi atrás do menino sem desviar os olhos dele em uma caminhada rápida. O garoto então foi indo para o outro lado. Bill subiu o lance de escadas em três pulos, mas quando alcançou o segundo piso o jovem já tinha entrado em sua casa. Bill seguiu os apartamentos até onde vira o rapaz entrar. Olhou pela janela, mas a casa parecia estar vazia, com toalhas brancas por cima dos móveis.

Copper virou para sua direita e viu uma mulher loira com uma grande tatuagem tribal no braço esquerdo.

“Eles se mudaram ano passado.” disse ela, que usava um jeans rasgado e sandálias rasteiras.

“O garoto... ele não entrou por aqui?” perguntou Bill ainda tentando ver algo pela janela.

“Se você quer entrar, eu posso ajudar.” disse a mulher.

“Não, já tive muita ação para uma manhã só.”

Bill viu que a mulher tinha um problema. Talvez pelo jeito estranho de falar ou a sua boca meio torta.

“Você não se lembra de mim?” perguntou a moça.

“Olhe, o que quer que seja vai ter de esperar. Isso aqui...”

Bill percebeu que um fedor saía da mulher.

“Oh Bill, assim você realmente me machuca. De verdade...”

A mulher deu um passo à frente e tocou Copper na mão. Os dedos estavam frios e úmidos e ele sentiu o enrugamento da pele. Bill se retesou contra a porta e ela o empurrou com força.

“Você não se lembra?”

Bill notou que a voz mudara, talvez por que o pescoço estava diferente, com uma marca roxa dando uma volta.

“Você tinha que lembrar, Billie.”

“Oh Céus..” disse Bill ao cadáver molhado em sua frente lhe apertando os bagos com um joelho cada vez mais dentro de sua calça.

A coisa foi ao seu ouvido e então falou baixo.

“Você me enganou. E me esqueceu naquele lugar.”

A coisa voltou sua face para ele. Os olhos foram ficando cada vez mais embaçados e a íris ia tornando-se um pontinho minúsculo numa ilha azul que ia se dissipando num mar branco. Um pequeno verme verde surgiu de uma narina e correu por cima do olho aberto.

“Meu... remédio... Oh Deus...” suplicou Bill.

A mulher segurou a mão de Copper, que corria dentro da jaqueta tentando achar seu frasco, e então colocou uma corda em seu pescoço bem devagar imprimindo uma força tremenda.

“Dezenove anos Billie. Eu tinha uma vida inteira pela frente.”

“Me... desculpe...” disse Bill com seus olhos fechados sentindo o frio e o fedor do corpo da mulher. A corda estava apertando seu pescoço rapidamente. Foi então que ele recebeu uma joelhada direto na barriga junto com uma risada em uma voz grossa e aguda, sussurrada e gritada. Quando Bill caiu de joelhos, a corda o segurou e ele ficou estrangulado por alguns momentos. Conforme a risada da mulher diminuía, o mesmo acontecia com a pressão da corda. E então ele caiu no chão de azulejos, machucando seus joelhos.

Copper tremia e chiava. O ar aos poucos foi voltando e ele pode respirar. Puxou o frasco da sua jaqueta e engoliu duas pílulas que lhe desceram rasgando em sua garganta seca. Bill aperta seus joelhos ao peito em posição fetal no chão, fechando furiosamente seus olhos.

Alguns minutos depois, Bill ousa olhar para sua frente e então percebe que a mulher sumiu, assim como o peso e a sensação da corda em seu pescoço. Uma sombra ocultou seu rosto do sol. Bill fica sobressaltado e defende seu rosto com as mãos instintivamente.

“Não há tempo para desperdiçar com velhas lembranças, Billie.”

Copper ergue seus olhos e vê um padre ao seu lado.

“Você... é... real?”

“Conheço você há vinte anos, Billie. Sempre foi um bom moço.” disse calmamente o padre.

O homem começa a se desesperar e a perder o controle. Pega o frasco de remédio e quando vai tomar o resto das pílulas o padre segura sua mão.

“Você não devia tomar estas pílulas:já lhe disse isso!”

“E-Eu não... sei... o que está acontecendo.”

“Vamos embora. Muito ainda há de ser feito.”

\*\*

O padre com certeza estava com pressa. Bill, por outro lado, sentia-se muito mal e enquanto o padre caminhava rápido e lhe puxava pela mão, suas náuseas o faziam curvar-se cada vez mais.

“As pílulas lhe deixam fraco. Jogue-as fora!”

“Me... deixe em paz!” golfou Copper tropeçando.

“Você nunca precisou de nada disso antes.”

Bill sentiu a febre em sua testa irradiar para seu corpo.

“Eu..” disse Copper sem entender nada.

Os dois pararam em frente a uma dessas antigas igrejas sempre com mendigos à frente. O padre e Copper não pararam até chegar ao altar, passando por muitos bancos vazios. Bill caiu por ali mesmo e começou a tremer de febre.

“For favor.. me deixe em paz. Eu lhe peço.”

O padre o olhou serenamente com tal compaixão que Bill teve certeza que estava alucinando novamente.

“Deixe-me mostrar sua obra.”

Pessoas começaram a entrar e a preencher os lugares. Elas pareciam felizes. Os bancos vão ficando lotados – haviam velhos, mulheres e homens de todos os tipos.

“Para cada uma destas pessoas desta sala, centenas de coisas ruins deixaram de acontecer. O mundo é um lugar muito melhor pela sua interferência, Bill. Tudo o que sobrou foram seus pesadelos, mas este é o seu fardo para carregar.”

Bill estivera ocupado nestes vinte anos. A primeira fila foi se preenchendo. Bill reconheceu a mulher que o atacou na segunda fila. Os bancos foram apinhando de pessoas, mas na frente de onde estavam tinha um local vazio.

“Você quase terminou sua quota.”

“Por favor... a dor... é insuportável!”

“Aceite isso como parte necessária desta realidade.”

“Não posso suportar mais!”

“Você só se esqueceu mais uma vez, Billie. Estou lhe trazendo de volta para o caminho.”

Bill reuniu todas as suas forças e levantou-se. Segurou o outro pelos ombros e lhe deu uma sacudida.

“Não existe Deus aqui!” gritou Copper pausadamente com a maior mágoa que pôde imprimir em palavras.

Sua dor cessou no mesmo momento, como se alguém desligasse uma tomada. Bill então viu o garoto com quem passara a manhã na entrada da igreja caminhando até ele. As pessoas sentadas nos bancos baixaram suas cabeças e um inicio de coro baixo arrependido começou. Em pouco tempo os dois estavam frente a frente. Bill observou que todos que pareciam temer o garoto e a desviar seus olhos.

“Ainda confuso?” perguntou o rapaz com um sorriso.

Copper tateou sua boca, bochecha, nariz e começou a entender.

“Não...” disse Bill em completa negação.

“Dezessete anos. Você viveu, aprendeu e entendeu o bom senso.”

“Oh não...” repetiu Bill segurando seus cabelos de forma enlouquecida.

“Um bom moço. Um bom soldado.” disse o rapaz.

Bill olhou para fora e tudo estava parado. Uma senhora estava entre um passo e outro, uma pomba quase levantando vôo e os carros parados na rua.

O garoto se aproximou de Bill perdendo o sorriso.

“Sua consciência foi limitada a este plano de cárcere mental. Mas você é um caso especial. O que sobrou foi um pedaço de carne e impulsos elétricos ambulante. Neste tempo, você podou alguns ramos que estavam influenciando a complexidade e aproximando a extinção da vida espiritual na Terra.”

“Eu *m*-*m-matei* todas essas pessoas?” perguntou Bill.

“Você terminou com os vasos perdidos, e pelas regras da existência podemos inferir nestes caminhos conforme a influência excessiva na coletividade.”

O garoto se aproximou. Tinha os cheiros da infância que a pouco da consciência de Bill reconheceu imediatamente, como um filho separado muito tempo de seu pai. Uma saudade profunda lhe fez vergar os joelhos. Sua garganta entrou em um nó e ele só pode alcançar sua mão ao garoto.

“Você está pronto para morrer, Billie?”

“Eu q-quero... t-terminar essa coisa..” gaguejou Copper.

E então rapidamente os três deram as mãos.

*Por um tempo que Bill não podia dizer com certeza, ele tornou-se apenas um ponto no espaço: um grande olho. Copper viu uma seqüência de eventos que ficaram impressos em sua memória. Viu uma moto. Viu um capacete. Viu uma ambulância e um machado. Viu uma escola com janelas quebradas. Viu uma mulher, de cabelos loiros, um menino e uma menina. Viu um jardim com um girassol quebrado. Viu uma explosão e o círculo de fogo.*

*Milhares de vezes.*

Bill abriu seus olhos e viu que eles estavam sozinhos na igreja novamente. Lembrava-se de tudo agora, e lembrava-se de um outro detalhe que era fundamental para fazer o seu trabalho.

“Os perdidos estão sempre queimando!” gritou Bill ao sair correndo da igreja.

Ele correu duas quadras até ver a moto. Como por destino, haviam dois capacetes junto ao assento. Um gordo tatuado estava sentado ali, e uma bandana branca apertava o topo de sua cabeça careca. Bill reconheceu a moto imediatamente. O gordo, que estava conversando com outro motoqueiro virou sua cabeça e o viu correndo em sua direção. Os dois cruzaram os braços; Copper diminuiu o passo e sacou a arma.

Já de capacete, Bill acelerou a moto. Conhecia a escola que tinha visto na visão, mas não tinha muita certeza qual o caminho que deveria ir. Aquela era uma cidade grande, e era fácil confundir-se. Seguiu ao sul, a única direção que sabia. Na placa onde dizia *Rotterdam Avenue*, Bill não teve mais dúvidas e fez a curva. Estranhamente, todo o comércio estava fechado às quatro da tarde e nas ruas não havia ninguém.

Para Bill, a confirmação que estava no caminho certo.

Após duas quadras, encontrou um homem caminhando e então Bill parou sua moto na frente dele, no meio da rua, vinte metros do outro. O homem, vestido com um terno e sujo dos pés à cabeça não parou.

“Você está bem?” perguntou Bill assustando-se com sua voz no imenso silêncio da rua.

O homem então levantou seus olhos e Copper viu o fogo ardendo dentro deles. Algo conhecido dentro de Bill não o fez tremer e ele teve a calma de virar-se e tirar o outro capacete do banco.

O homem de terno começou a correr.

Bill desceu da moto e com um movimento calculado se esquivou e acertou o homem direto na cabeça com o capacete. O homem rolou de banda e ficou por alguns instantes quase desmaiando. Agachou-se em sua frente e o puxou pela gravata vendo a ruína de seu rosto que balbuciava coisas sem sentido. Colocou o capacete no homem, mas os olhos continuaram a queimar. Copper sabia que aquele era um dos perdidos, o primeiro de muitos. Sem hesitar colocou o revólver entre os olhos dele e puxou o gatilho.Notou um grande sinal de fumaça mais ao leste e subiu na sua moto.

*Precisava achar a escola, precisava achar a mulher e as crianças.*

Estava quente e isso incomodava Bill. Instintivamente ele tocou em seu capacete e o puxou um pouco para cima. Gritos e milhares de vozes sussurradas automaticamente surgiram com uma grande dor de cabeça. Copper recolocou o capacete de volta, e o silêncio da rua deserta voltou imediatamente.

Bill passou quase uma hora circulando por aquele bairro desconhecido procurando a escola. Por onde ele passava, os perdidos lhe olhavam e depois desviavam a sua cabeça continuando suas corridas loucas e quietas com seus pedaços de pau na mão. Um suor frio atrás do pescoço lhe fez pensar de que talvez estivesse fazendo tudo errado. Aos poucos a idéia de tomar os comprimidos novamente foi ganhando força: quem *diabos* era ele? Eliminar pessoas que iriam destruir o mundo? Aquele pensamento, que antes lhe fora certo e óbvio também agora derrapava para o surreal com gravidade tremenda. Teria ele imaginado tudo aquilo? Estaria ele preso e acorrentado em uma cela acolchoada imaginando todas aquelas coisas? Mesmo assim ele acelerava a moto e virava para a próxima esquina, onde os perdidos corriam às vezes junto com ele. Bill também notou que aquelas pessoas tinham algo diferente, como se apodreciam de dentro para fora com os sangramentos nos olhos, boca e nariz. Não pode deixar de notas os fogos nas casas, os carros com todos os vidros quebrados por eles... sem dúvida, se houvesse algum fim de mundo seria algo parecido com isso.

*Você está pronto para morrer, Bill?*

E então, no final da rua ele viu a ambulância junto com um aperto em sua barriga e todas aquelas coisas impossíveis fizeram sentido de novo, e ele se arrependeu pedindo humildemente perdão por sua falta de fé.

Daniel Rivers e o soldado Nathan comunicam-se por sinais. Contornando toda a escola e evitando contato armado com os loucos, eles entram pelo portão do lado, onde estão todos os carros dos professores.

Rivers nota que o portão está fechado, e o vigia então aparece pelo vidro de cima, batendo sua cabeça vigorosamente e esmurrando a porta.

“Jesus!” disse Nathan assustado logo atrás.

“Ela não atende o celular.” disse Rivers.

“Ela está morta, tenente! Ninguém sobrevive a isso!”

Daniel pegou o soldado pela camisa e o colocou do lado do vidro quebrado onde o vigia tentava alcançar, o levantando-o do chão.

“O que você vai dizer ao Coronel quando voltar?”

“Eu.. não sei!” disse Nathan.

“Nós vamos achar o corpo dela e voltar, soldado. Você entendeu? É muito simples. Lembra-se de Gabe? O que acha que vamos dizer para a família dele? Ainda não acredito que fiz aquilo.”

Após um breve momento de confrontação, o soldado parou de lutar e falou um pouco mais controlado.

“S-Sim... me desculpe.”

Daniel o soltou no chão.

“Tem o explosivo?”

“Acho que s-sim. No b-bolso esquerdo.”

“Então você já sabe o que fazer.”

O soldado preparou a bomba, enquanto Daniel estourou a cabeça do louco pela pequena janela superior da porta. Com a bomba armada, eles tomaram distância. A explosão abriu um rombo na fechadura de ferro, mas nenhum dos outros loucos perto dali se importou com isso.

Por um bom tempo, Isabel sentiu todo o seu corpo formigar, e ficar com frio em suas costas enquanto suas mãos suavam. Ela observa agora o pequeno menino tomar conta de sua irmã, alisando seu cabelo e respirando junto com ela no chão da cozinha do refeitório, fechados a cadeado. Os dois concentrados somente naquela tarefa. A menina tinha seus olhos esbugalhados e a boca ainda balbuciava de vez em quando *Mamãe-Papai* depois de ela ter gritado por uns bons vinte minutos onde Isabel admitiu que preferiria enfrentar os loucos lá fora que continuar a ver a mente da menina implodir a cada grito.

A professora sentiu uma depressão tão grande que se tivesse um cigarro o acenderia na hora, mesmo na frente de crianças. Estava perdendo o pouco de controle que conseguira quando estivera

*(etérea)*

naquele estado. A experiência fora marcante, e o garoto lhe pediu desculpas várias vezes lhe dizendo que não era certo

*(puxar as pessoas para fora de seus corpos)*

fazer tudo aquilo sem o seu consentimento, mas que ele fez de tudo para salvar seus pais por causa de Sara.

A escola continuava quieta como uma tumba, mas algo ainda incomodava Isabel. Faziam mais de quarenta minutos desde que ela e o diretor tinham visto os meninos na enfermaria, mas ela sabia que precisava ter feito alguma coisa todo esse tempo. Havia uma cesta de frutas ao lado de Isabel, mas só de se lembrar da maçã caída nos pés do menino com a faca na cabeça ela sentiu uma náusea profunda e sua visão escureceu.

Isabel resvalou ao chão. Paul notou a queda de sua professora, mas continuou a cuidar de sua irmã, e falou baixinho para ela que Isabel estava bem, e que seu corpo precisava descansar para o que estava por vir.

A professora desmaiou bem mais de duas horas.

Isabel acordou com as duas crianças em seus pés, e Sara estava com seu rosto limpo e cabelo penteado, o que era muito bom sinal.

“Achei melhor você descansar.”

Isabel sentou-se encostada ao armário.

“Quanto tempo fiquei fora?”

“Duas horas.”

“Deus, que dor de cabeça. Preciso de um...”

Um sonoro e claro tiro de arma de fogo ecoou perto dali. Isabel levantou-se imediatamente, de olhos esbugalhados olhando para o menino. Os três se aproximaram. Paul olhou para cima até Isabel com um sorriso no rosto.

“São soldados, procurando por você. Eles descobriram como anular a presença do adversário.”

“Podemos ir embora?” pediu Sara aflita.

Isabel abriu sua boca em protesto (como ele podia saber aquilo?), mas foi fechando conforme se lembrava de ter encontrado mais uma vez seu ex-marido morto cinco anos atrás em um acidente de carro.

Rápido como um raio, ela enfim se lembrou.

“Meu celular! Está na minha bolsa na sala dos professores... Devem estar nos ligando!”

Paul cruzou seus braços.

“É melhor esperarmos. Eventualmente eles entrarão pela porta.”

“E se eles não vierem? Não podemos ficar presos aqui por muito tempo!” falou Isabel exaltada, saindo pela porta enquanto Paul e Sara sentavam de novo no chão.

Sara pegou uma banana da cesta de frutas e começou a tirar sua casca lentamente e com pouco entusiasmo, à beira de começar a chorar mais uma vez. O menino não disse nada, mas seu olhar perdia-se para algum lugar distante, longe dali.

Em alguns momentos, Paul percebeu a presença diminuta, porém distinta de Bill e com um leve sorriso entendeu por que não deteve Isabel.

Uma intervenção estava por vir.

\*\*

Craig nunca tivera a necessidade de fazer algo sequer parecido com aquilo, mas sabia que era possível. Seus dedos, inchados pela radioatividade da energia que transpunha forçadamente contra a natureza, mexiam os dedos como se coordenasse um boneco de corda. Suas risadas e divertimento inicial cederam à raiva e ódio pelo cárcere imposto no momento. Sua visão já estava severamente comprometida, como se visse por um vidro enfumaçado e nos últimos minutos começou a sentir um gosto forte e metálico em sua boca. Pouco tempo atrás notou que certas forças não lhe eram sensíveis de *ajuste*, mas ele também sabia que se o plano superior lhe era fechado, o ataque teria de ser físico.

*Todos* seriam punidos.

A quilômetros dali, o professor Kelso caminhava para o fim do corredor da escola, mas suas pernas as vezes pareciam tropeçar ou arrastarem-se. Seus olhos iam por todos os lados, por vezes erráticos, conforme a consciência de Craig co-habitava a mente destruída do professor de educação física. O garoto sabia onde aquela grande resistência ficava e isso lhe deixava louco. Haviam agora cinco resistências, sendo uma tão diferente que ele não tinha certeza se era humana ou de um animal, de tão pouca intensidade. Mas seus *brinquedos* estavam trancados, da mesma maneira que ele. Concentrou-se mais uma vez naquela mente vacilante, e abriu a primeira porta. E assim o fez até que todas as portas não fossem mais um obstáculo.

*Você deve estar muito doente,* ouviu Craig.

O menino rosnou de raiva.

*Pela maneira que está conduzindo tudo isso, você descobriu por acaso.*

“Cale-se!”

*Este universo tem as suas próprias maneiras e regras para lidar com as exceções, mas você já deve ter percebido o agente.*

Medo, pela primeira vez em sua vida, instaurou-se na mente do garoto, pois ele sabia muito bem do que a voz falava.

“Agora é a minha vez, idiota.” falou Craig, com uma língua mole e baixinho em seu quarto.

Mais de quatrocentos alunos conseguiram escapar das salas de aula, com restos das carteiras nas mãos, enquanto o corpo de Kelso caía morto no chão. O garoto juntou todas as suas forças em uma dor lancinante e então fez com que todos os *convertidos* fossem para o mesmo local, em sua estranha corrida silenciosa e letal. As crianças perdidas começaram a descer as escadas, andar por andar e atravessar o pátio até o refeitório.

Os infectados da *zona de contágio* se voltaram para a escola e começaram a correr. Após alguns minutos, os loucos da rua encontraram a porta da frente do colégio e em um movimento de tumulto a arrebentaram ao chão.

Juntos formaram um exército de mais de três mil pessoas.

Bill chegou até a ambulância, enquanto os perdidos começaram a se acumular nas ruas e a correr para a escola. Ele viu aquilo e parou. Dentro de si, a seqüência de imagens ou o que ele chamava de *plano de Deus* voltava, uma vez, duas vezes, centenas de vezes. Os perdidos agora corriam a menos de vinte metros dele, quase não o percebendo.

Era como se os perdidos tivessem um propósito.

Bill rodeou a ambulância e viu os corpos dos paramédicos, dentro e fora do veículo. Copper pode notar que dois morreram pelo acidente e os outros três pelos perdidos. Haviam mordidas nos braços, e contusões e lacerações provocadas por paus e pedras. Ele suspirou fundo diante disso, mas continuou sua busca, enquanto os perdidos se amontoavam perto da grande porta da escola. Um pouco mais adiante na rua, ele viu um traje amarelo. Era de um bombeiro, com seu capacete vermelho a poucos metros dali.

Na mão do bombeiro estava um machado.

Isabel atravessara o pátio minutos atrás sentindo suas pernas muito leves. Como fora tola em não pegar seu telefone. Chegara rapidamente na sala dos professores e quando alcançou o pequeno aparelho ele já estava tocando.

“A-alô?” disse a professora nervosa.

*“Isabel? É você?”*

“S-Sim.”

*“Aqui é o tenente Daniel Rivers. Qual a sua localização?”*

“Segundo andar do... da e-escola. Na sala dos p-prof... professores”

*“Não saia daí. Viemos lhe buscar.”*

A ligação começou a ficar ruim e então o barulho de passos e corridas nos corredores fez Isabel derrubar seu celular no chão. A professora começou a caminhar para trás até que as suas costas encontraram uma parede.

Sua mente girava em torno da mesma idéia.

*Oh, Deus estou sozinha!*

Em pânico, ela correu dali abrindo a porta e indo para o corredor envidraçado que conectava a administração da escola, onde ficavam os laboratórios e a enfermaria.

\*\*

Bill, com seu machado em punho, subiu na moto e olhou toda a extensão do colégio. Os perdidos agora conseguiram derrubar a grande porta de entrada e iam entrando de uma forma muito peculiar.

*Como raposas em um galinheiro.*

Seus olhos se voltaram para o corredor envidraçado e por um tempo ele não acreditou, mas havia sim ali uma mulher; e de longe ele viu que estava sã, correndo apavorada de um canto a outro.A mulher. Ainda com seu capacete, Copper levantou o machado e o gingou no ar, pronto para o ataque.

Bill acelerou em direção à entrada da escola, atravessou a calçada e foi atropelando e derrubando os perdidos pelo seu caminho com as costas de seu machado.

\*\*

Rivers terminava sua conversa pelo telefone com Isabel quando tudo começou. Nathan foi o primeiro a perceber a movimentação dentro da escola. Estava pálido como uma figura viva de cera e seu rifle vacilava e tremia. Os dois tentavam acompanhar com seus olhos o que seus ouvidos captavam dos sons de passos por toda a escola.

“Movimento.” disse Nathan.

“Ela disse que estava no segundo andar.” falou Rivers.

O barulho de vidro estilhaçando fez os dois se ajoelharem e empunharem seus rifles com maior presteza.

“D-Devem haver crianças por aqui.”

“Os loucos atravessaram a porta da escola!” disse Rivers.

“Preciso sair daqui!” gritou Nathan alucinado.

Rivers levantou Nathan do chão e lhe aplicou uma surra moral, com tapas fortes em seu rosto e um chute em seu traseiro quando o soltou rolando no chão.

“Você quer mais um pouco?” gritou Rivers.

Nathan ficou furioso, mas pegou seu rifle do chão e começou a caminhar em direção à escada atrás do tenente.

Após subirem dois trechos de escada, eles viram Isabel no outro lado, quase cinqüenta metros deles, correndo e gritando por ajuda. Rapidamente como bichos selvagens, os loucos começaram a atacar e Natham foi pego de surpresa. Seu corpo foi arrastado, surrado e em golpe de um cano, sua testa afundou dentro de seu crânio matando-o instantaneamente.

Rivers caminhou para trás e começou a disparar enquanto os corpos começaram a cair em sua frente. Eram velhos, senhoras, adolescentes com seus cabelos esquisitos. Eles iam caindo, com buracos do tamanho de maças em suas costas.

Isso não deteve os próximos loucos em seu avanço.

Isabel continuava sua pequena corrida, e seus pés agora pareciam ter chumbo, pois cada passo seu o terror cada vez mais aprofundava em sua mente. Era como escorregar em um lago negro, lhe puxando para baixo milímetro a milímetro.

Rivers finalmente pode olhar para seu colega morto no chão e começou a gritar em pânico. Os loucos agora vinham dos dois lados, e um deles tinha um cano que pingava sangue da outra ponta.

Daniel continuou atirando seu rifle até as balas acabarem. Todos aqueles que estavam perto de Natham caíam ao chão mortos. Isabel agora caminhava em direção ao soldado, e a cada disparo da arma do tenente seu corpo tremia dos pés a cabeça.Segundos depois, um barulho de moto ecoou por ali, mas os loucos continuaram seu movimento de entrar na escola indiferentemente. Daniel colocou outro clipe de balas e continuou a atirar.

A moto de Bill passou pelo outro lado de Rivers, mais próximo de Isabel, e o pneu traseiro começou a soltar fumaça ao derrapar na laje de pedra do chão da escola. Bill quis gritar para Isabel para ela vir com ele, mas um dos perdidos o derrubou no chão com o que pareceu ser uma pá.

Rivers começou a correr na direção de Isabel, e foi atirando ao acaso conforme os loucos iam avançando, como ondas em uma muralha. O chão começava a ficar cheio de corpos e caminhar por ali estava ficando difícil, pois não se achava mais onde se pisar.

Os loucos então começaram a investir contra o motoqueiro, e o tenente parou sua travessia quando viu Bill empunhar o machado e acertar um deles no peito, e empurrando o corpo com um pontapé.

“Um sobrevivente!” gritou o tenente.

Bill ergueu o seu visor e falou diretamente para Isabel que o olhava incrédula.

“Você está bem?” perguntou Bill.

“Isto é loucura total!” gritou Isabel.

Quatro loucos se aproximaram de Bill e ele foi indo para trás. Um deles pegou a pá do chão e a levantou em cima da cabeça. Copper segurou o machado com cada mão em uma ponta e deteve a pá no ar, fazendo um barulho de metal contra madeira, e ao mesmo tempo machucando suas mãos pelo impacto.

Os tiros de Rivers foram ecoando pela aquela que outrora foi uma grande sala, onde pais, alunos e mestres entravam e saiam da escola. Daniel viu Isabel mais uma vez, enquanto Bill agora lutava com dois loucos alternando turnos. O tenente recarregou sua arma e foi se aproximando dos dois, enquanto a quantidade de loucos diminuía conforme os corpos amontoavam-se e dificultavam a entrada.

Um dos loucos conseguiu acertar um soco no rosto de Daniel, e ele desequilibrou-se, arrastando-se sentado e mirando naqueles que se aproximavam.

“Por favor...”disse Isabel para Rivers.

“Isabel, fique aí!” gritou o tenente de volta.

Bill tinha um dos loucos agora em cima de si, e podia ver os fogos dentro de seus olhos. Aquele parecia ser um daqueles meninos que ficavam o dia nas academias, e tinha grandes tatuagens em seus braços fortes.

*Você está se esquecendo de novo, Bill.*

Era sua própria voz. Copper virou seu rosto para a mulher e viu que um soldado estava perto dela agora, com sua arma em punho e atirando contra a multidão que avançava, enquanto outras centenas esperavam pela sua vez de entrar.

A voz continuou a falar com Bill, enquanto a madeira de seu machado aproximava-se de seu pescoço pouco a pouco.

*Você recebeu um dom, Bill. Use-o.*

A madeira já tocava em seu pomo de adão, e ele sentia a pressão em seu peito subir. Um outro perdido tinha uma chave inglesa grande em sua mão, e acertou o capacete de Bill, quebrando o visor. Duas, três mãos rápidas como o bote de uma serpente já puxavam o seu capacete. Daniel e Isabel cada vez mais caminhavam juntos para trás, enquanto ele lutava sozinho no chão contra todos eles.

*Preciso libertar este perdido de sua dor*.

O capacete foi puxado, e então Bill abriu a boca o máximo que pode em um grito lancinante. Algo dentro de si despertou: ele começou a sugar o fogo dos olhos dos perdidos ali por perto, em uma energia azul e branca, entrando por sua boca, nariz e olhos em um fluxo contínuo, absorvendo e convertendo toda aquela loucura para dentro de si em um barulho ensurdecedor.

A multidão parou seu movimento imediatamente.

Rivers abaixou sua arma, seu queixo caiu e ele não conseguiu dizer nada, apenas ficou ali de boca aberta quase não acreditando no que seus olhos registravam.

Os perdidos perto de Bill caíram ao chão inertes enquanto Copper jogava seu capacete quebrado no chão: ele tinha uma aura elétrica azul magnífica.

Isabel reconheceu imediatamente aquela energia, e com sua mão segurou forte o ombro do soldado.

“Vamos ficar bem!” disse Isabel baixinho.

Os loucos começaram um novo recuo conforme a professora se aproximava do motoqueiro.

“Você deve-me levar ao menino.” disse Bill a Isabel.

“Os loucos... pararam.” disse Rivers.

\*\*

Uma multidão de crianças sujas, com suas roupas rasgadas e contaminadas por altas dosagens de radioatividade separava os três do refeitório onde estava Paul. Bill caminhava na frente, e uma espécie de bolha de isolamento ia se formando com um bom espaço em volta deles. Isabel olhava os meninos e meninas e via o pesadelo de rostos deformados, inchados e sangrentos. No meio deles estavam alguns professores, e logo depois pode ver inclusive o diretor, severamente infectados.

Eles continuaram saindo do caminho em seu passo lento e estranhamente silencioso. Por fim, Isabel viu o rosto de Paul pela janela, e o garoto correu para abrir a porta. Sara estava ao seu lado, muito assustada.

Bill viu o menino e sentiu seu corpo vergar ao chão imediatamente o colocando de joelhos. Só ele podia ver com seus olhos a aura enorme do garoto, muito maior que o prédio onde eles estavam, com uma forma de galáxia, micro cosmos, etérea e brilhosa girando sem parar com milhares de estrelas.

O um em muitos. O primeiro e o último.

*“Um desperto...”* balbuciou Bill para o menino que exibia um meio sorriso cansado.

“O que ele está fazendo?” perguntou Rivers ao ver Bill.

“Eu... acho que compreendo.” disse Isabel.

O garoto abriu a porta e foi até ele.

“Seja bem-vindo. Já faz muito tempo que não vejo um agente. Acho que posso lhe ajudar.”

Isabel começou a ajeitar as cadeiras em um semicírculo, ignorando os protestos de Rivers pedindo para eles irem embora dali antes que os tanques abrissem caminho escola adentro.

Isabel sentia-se muito mais calma agora, e organizar aquele espaço, colocar alguma coisa em ordem depois de toda aquela confusão lhe fazia muito bem, portanto ela somente virou sua cabeça para o tenente e falou no seu tom usual e corriqueiro de professora.

“Cada um sente-se na sua cadeira, inclusive você soldado.”

“Tenente.” disse Rivers.

“O que seja.”

Do lado de fora, a multidão de perdidos se aglomerava pelas janelas. Sara e Isabel sentaram-se juntas, enquanto Bill e Rivers foram aos poucos sentando por ali, cansados e exaustos.

Paul ficou ao centro, sentado como um monge. Momentos se passaram. Era como se uma gravidade extra pairasse no ar. Todos eles foram se sentindo pesados e a respiração ficara devagar, quase como se estivessem dormindo.

Conforme eles ouviam o garoto, imagens apareciam como se um mundo especial fosse construído especialmente para aquela conversa. Isabel identificou rapidamente a experiência com o que ela imaginava como telepatia; Daniel tentou resistir ao máximo, porém quando as imagens começaram a surgir, ele cruzou seus braços e esbugalhou seus olhos incrédulos. Bill reconheceu o toque do desperto da mesma maneira que Deus lhe tinha tocado.

A voz preencheu então suas mentes.

*Entendem-se corpo e consciência como irmãos: um menor infantil, por vezes selvagem e muito suscetível a vícios enquanto seu irmão mais velho, que quer o bem dos dois, busca por conhecimento, significado e o bem estar dos dois; juntos e de mãos dadas até o fim da vida do irmão menor. O mais velho tenta os conduzir pela lógica e sabedoria, cuidando e querendo fazer com que tenham uma vida digna para os dois – enquanto isso, o mais novo gosta das sensações, do cheiro, do gosto e do toque das coisas em seu redor, preenchendo cada minuto de sua vida.*

*O que nos traz para nossa presente situação.*

*O adversário descobriu por acaso os meios pelos quais nossos corpos se conectam com suas consciências muito cedo, e também muito cedo descobriu este canal psíquico pelo qual eu estou me comunicando com todos vocês. Eu sei que agora ele está trancado em seu quarto, pois tentou assassinar sua mãe da mesma forma e por alguma intervenção do destino ela resistiu e o prendeu. Também acredito que esta pessoa já deixou este plano por outro evento fortuito que está além de meus conhecimentos.*

*Este menino vêm corrompendo todas as consciências perto de sua casa em um raio de alguns quilômetros. Infelizmente esta maneira telepática, feita de maneira não consentida e obtida por extrema força, tem efeitos na natureza desta realidade, alterando átomos e infringindo energias radioativas nos corpos das pessoas. Eu sei disso, pois tive de intervir com esta mesma intensidade, e agora provavelmente estou com leucemia. Infelizmente, todas as pessoas que ele tocou já estão sem consciência e seus corpos são vasos quebrados com apenas uma tempestade elétrica dentro das cavidades de seus cérebros, disparando uma fúria animalesca contra tudo.*

*Bill, a casa que você procura fica a cinco quadras daqui, e você encontrará o girassol quebrado na terceira casa da segunda rua.*

A conversa acabou, e todos os outros se olharam desconfiados. Sara estava visivelmente triste.

“Você está doente, Paulie?”

“Sim, mas vamos todos ficar bem”

Isabel olhou para Rivers que estava paralisado com sua boca aberta, respirando de forma audível. A professora então voltou-se para Paul e ele falou alegremente.

“É comum não conseguir dizer nada depois de se usar o método da telepatia. Leva-se um tempo para voltar-se a comunicar-se do jeito primitivo, cérebro e cordas vocais.”

“Mas você disse...” disse Isabel.

“Vou ficar bem. Ainda bem que não estamos na idade média.” respondeu o menino tentando sorrir.

“Eu... acho.... que se usarmos o carro... o seu carro, Isabel, poderemos sair desta confusão mais... rapidamente.” disse Rivers, com alguma dificuldade em falar.

Bill levantou-se de sua cadeira.

“Obrigado, Paul. Agora sei onde fica.”

Paul somente levantou seus olhos até ele.

*Ele está muito doente. Todas estas pessoas desencadearão uma reação em cadeia que converterá matéria em pura energia. Precisamos estar longe daqui quando isso acontecer. Aguarde meu sinal.*

“Estou pronto para morrer.” respondeu Bill baixinho, em um sopro de voz somente para o menino.

Bill subiu na motocicleta enquanto Paul, Sara e o soldado fugiam de carro pela avenida. Não tinha mais seu capacete, e não tinha mais receio sobre os perdidos, que iam o seguindo a média distância, todas as cabeças disformes e inchadas viradas para ele, seus olhos queimando em fúria. Ele foi conduzindo a moto, e um por um eles foram abrindo espaço. Os perdidos atingiram o tamanho de um exército, mas nenhum deles podia mais feri-lo. Bill virou à direita e foi contando as casas. Da janela de algumas casas, o fogo insistia em queimar em grandes focos de incêndio. Naquele local, a ordem não era mais dos homens.

*É aqui.*

Bill parou a moto em frente ao prédio onde havia um girassol quebrado em sua entrada. Desligou o motor e tirou seu machado da mala lateral. No pátio, haviam vários idosos mancando, que insistiam em não sair do lugar. Bill não teve escolha senão de tirar o fogo de seus olhos. Os corpos caíram, uma aura azul emanou de Bill por algum tempo.

*Ele está muito doente. Vá para o último andar.*

Ele subiu todos os quatro andares de um prédio silencioso e escuro sendo seguido pelos perdidos a meio lance de escadas. No último andar havia uma moça caída em um vestido azul e seu pescoço inchado e deslocado. A poça de sangue ao redor marcou seu sapato, e ele deixou uma trilha de respingados vermelhos até a porta.

*A única porta trancada. Quebre ela.*

Bill usou seu machado e arrebentou cada parte da porta, descarregando todo a sua força em cada investida. Ele sentiu-se bem com a descarga de adrenalina e o sangue forte em suas veias. O agente olhou para trás e viu a procissão de vultos por todos os degraus da escada. Bill parou por um bom tempo olhando seus rostos, suas roupas e imaginando se o mundo perderia dentistas, advogados, médicos ou engenheiros. A total indiferença deles o fez soltar um suspiro longo e triste.

Bill entrou no apartamento e após alguns passos começou a sentir o fedor de fezes e urina.

*É só um garoto. Um garoto doente.*

Ele levantou a gola de sua camisa e a colocou em cima seu nariz. Os perdidos agora entravam junto no apartamento com ele. Havia outra porta fechada, e Bill a trouxe abaixo, desta vez com vários chutes até a fechadura ceder.

Por fim ele viu Craig, e desejou morrer imediatamente. A criança estava toda inchada, e fezes e urina estavam ao chão. Sua cabeça estava parcialmente careca, grande e branca. Seus olhos a muito tinham vazado, e estava coberto de sangue seco, em meio a dentes caídos na frente de sua camiseta. Suas mãos e pés, presas ainda com fita cinza estavam arroxeadas, e veias cinzas saltavam por toda a sua pele inchada de forma agressiva.

Bill parou na frente do garoto monstro.

“É hora de irmos.” disse Bill tentando imaginar uma criança por baixo daquele terror.

Um choro abafado e sofrido se fez na sala.

"Eu sinto muito, muito mesmo. Me leve embora, por favor."

Bill levou suas duas mãos ao rosto, limpando suas lágrimas. Após alguns momentos contemplando a loucura de tudo aquilo, Bill sugou a alma de Craig em um pequeno e simples suspiro. Houve um pequeno clarão, que rapidamente foi evoluindo à medida que todas as almas iam ao encontro de Bill, que estava agora com seus braços abertos, em uma aura energética violenta. Dois segundos depois, houve uma imensa explosão, e uma cratera do tamanho de um grande estádio surgiu.

\*\*\*

Bill finalmente encontrou-se com sua consciência de novo, e ele lembrou-se de toda a sua vida antes de tornar-se um agente. Sua consciência ascendeu por entre os planos da existência e toda a sua vivência foi agregada junto à de muitas outras, que ele foi conhecendo uma a uma. Para Bill, anos se passaram de puro conhecimento. Ele estava de volta à sua tribo.

Momentos depois, uma nova criança nasce e mais uma história será agregada à imensa substância da consciência eterna que Bill Copper fizera parte da última vez, que está agora de mãos dadas com esta nova menina.

\*\*\*

Eles continuavam a observar o louco se debatendo. James e o tenente Rivers conversavam agora a sós.

“Por que me contou tudo isso?”

“Porque eu precisava. E também não fará a menor diferença!”

“Como você sabe? As pessoas irão investigar estas coisas.”

“E nunca irão acreditar. Confie em mim.”

James olhava para baixo. Havia um oceano entre ler e achar bacana e ler e acreditar. Ele mesmo era cético até os dentes e mais se divertia com tudo que escrevera até agora. Nunca acreditara em nada que escreveu em dez anos – com seus leitores seria o mesmo, e então compreendeu o que o tenente estava dizendo, mesmo com a evidência viva na frente deles.

“Eu estava lá. Vi tudo com meus próprios olhos.” disse Rivers para James, olhando o louco pela janela, que vagueava em círculos como um animal enjaulado.

Houve um pequeno silêncio.

“Você sabe o que é mais interessante?” perguntou Daniel.

“O que poderia ser mais que tudo isso?”

“Todas as vezes que conto esta história, ela resvala mais um pouco para o meu inconsciente. Talvez seja a forma como o meu cérebro interprete o que aconteceu e o rotule como impensável, inaceitável. As coisas vão se esvaindo para lá. É como segurar um monte de areia, no final fica apenas um pouquinho em suas mãos. Muitos detalhes já se foram, e apenas se passaram dois meses.”

"E eles?" perguntou James.

"Em breve estarão em baixo da terra e quinze metros de concreto."

O repórter foi indo para a porta, e Daniel o segurou.

"Não incomode o garoto."

James sorriu e foi embora.

[6]

PAUL

Com o endereço do hospital, o repórter-sobrevivente James Burtows vai visitar o garoto Paul Stevens para uma entrevista. Sua matéria no tablóide gerou um bom número de vendas, mas nada comparado com o grande furo de reportagem de seu colega sobre a chegada dos seres de *Arcturus* até o fim do ano. James não pode deixar de dar uma risada. Naquela altura, ele simplesmente não se importava mais, mesmo tendo passado mais de um mês sendo examinado pelo exército por causa de sua radiação acima da média.

Paul estava se recuperando do transplante de medula, onde Sara prontamente tornou-se doadora. Mesmo ainda sobre os efeitos dos sedativos, Paul percebeu James no estacionamento, e uma marca negra em sua consciência onde Craig quase o pegara.

*Rapaz de sorte.*

“Paulie, estamos indo” disse Sara agarrada em sua avó.

“Tudo bem.” falou Paul em um sorriso.

*Nós temos nossos segredos* pensou Sara.

*E muitas coisas a descobrir* pensou Paul.

Depois que todos se foram, o menino fechou seus olhos. Sua respiração diminuiu, e sua freqüência cardíaca desceu até o limite onde as enfermeiras não achassem que ele estivesse passando mal. A consciência de Paul desceu de sua cama enquanto seu corpo descansava e se recuperava. Ele passou por entre a porta, como se nada fosse. Do outro lado, estava um médico a lhe esperar, calmo e sereno de braços cruzados.

“Obrigado por aceitar nosso convite.” disse o médico.

“Seria no mínimo deselegante de minha parte declinar a participar nas regras fundamentais do universo.”

“Claro. Mas ainda acreditamos no livre arbítrio.”

“Um hospital. Interessante analogia.”

“Você é um dos poucos despertos que aceitaram nossa proposta.”

“Sempre fui um operário com uma ponta de arquiteto, não o contrário. Ser parte da roda do universo não me é desconfortável ou me indigna; apenas me fascina.”

“Será gratificante trabalhar com você. Normalmente temos consciências muito brutas para operar, iguais ao do último agente que você conheceu.”

Por um momento os dois sorriram.

"Antes de começarmos, eu nunca tinha visto um exemplo de natureza maligna; sempre entendi que o ambiente criasse os monstros e não o contrário."

Houve uma pausa, onde Paul entendeu que o anjo fora verificar a questão pessoalmente. Ele aguardou mantendo um sorriso um pouco mais cansado.

"O garoto, quando deixado em casa, sofria agressões pela faxineira alcoólatra, que por sua vez era infestada por..."

"Parasitas?"

"Sim, descarnados perdidos e renegados do éter."

"Possessão?"

"Múltiplas vezes. Mais de cinco entidades passaram a co-habitarem a pobre criança."

"Talvez por isso a imunidade tenha ocorrido."

Os dois se olharam, fantasmas nos corredores.

"E as contra-medidas habituais falharam por que?" perguntou Paul.

"Este particular mundo, nesta particular evolução, precisa de um silêncio para ouvir propriamente a canção universal, ou como todos nós concordamos, a evidência final se dará pela vitória parcial da umbra, que ao mesmo forçará a correnteza convergir em uma só linha, clara e concisa que puxará esta coletividade por mais dez mil anos. Assim prevemos, assim o acontece, assim se sucederá."

"Sempre o sacrifício. Meu tempo no Egito ainda me assombra, meu filho morto em meus braços."

O anjo virou-se e lhe fez um cumprimento de realeza.

"Ó grande Ramsés, todas as chances foram dadas, todos os exemplos forjados em pedra e sangue. Infelizmente, o véu é pesado a estas criaturas devido à curiosidade do próprio cosmos em ver até onde é possível a ascensão de volta a ele. Inevitável e completamente eventual."

*Os dois caminharam por muitos corredores e leitos, aos quais Paul coletará suas consciências perdidas. Sem dúvida será uma grande obra, mas mesmo do alto de sua consciência desperta no ápice de sua evolução espiritual, tendo conhecido todas as emoções e experiências humanas, por todos os planos desta e de outras realidades; tendo atravessado a fronteira da morte centenas de milhares de vezes, o último não pode deixar de se questionar ainda por mais uma vez...*

*Onde isto tudo termina?*

\* \* \*